

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ENTRELAÇOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE:

narrativas de pedagogas em formação e a atuação no Centro de Atenção Psicossocial

Karolyne de Oliveira Castro

Porto Alegre

2022

Karolyne de Oliveira Castro

ENTRELAÇOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE:

narrativas de pedagogas em formação e a atuação no Centro de Atenção Psicossocial

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Noal Gai

Porto Alegre

2022

Dedico esta escrita a todas(os) pedagogas(os) e educadoras(es), que assim como eu, acreditam nas potencialidades e entrelaços da pedagogia em espaços de saúde mental como os Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe, Tatiane de Oliveira Rodrigues, que sempre me apoiou durante minha trajetória acadêmica e na vida. Mulher batalhadora e guerreira que nunca mediu esforços para que eu conseguisse alcançar meus objetivos. Minha companheira desde o café da manhã, antes de começar o dia, até o chimarrão à noite. Minha torcedora que muitas vezes trazia refeições, principalmente à noite, enquanto eu estudava horas no computador. Te amo para todo o sempre. Teu amor me move, dedico essa escrita especialmente a ti que sempre acreditou em mim e no meu potencial.

A toda minha família, que sempre me apoiou no quesito estudos e especialmente, à Andreia Suris, minha tia. Deia, que foi uma pessoa muito presente em cada etapa da minha vida acadêmica, me incentivou desde a realização da prova no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande Sul e vibrou comigo com todas as conquistas. Grande pessoa e educadora, que me inspira sempre!

A minha tia Jaque, que me incentivou fortemente nos estudos e na vida. Obrigada por tanto!

Aos meus amigos que me apoiaram e estiveram do meu lado torcendo por mim, em especial a minha prima Letícia e as minhas amigas Isadora e Miriam, que estiveram comigo durante a etapa final da graduação, dando apoio e alegrias. Miriam que foi uma colega e amiga nos momentos de escritas e partilhas ao longo deste semestre.

Ao meu namorado Rafael, por me incentivar, apoiar, acolher, vibrar em todos os momentos, por mais pequenos que fossem e valorizar cada conquista minha. Por ser meu companheiro em cada momento da noite ou dia, enquanto eu estudava por horas e por me dar tanto amor e carinho nos momentos mais intensos de escrita e pesquisa.

Aos meus colegas da faculdade, em especial minha amiga querida e companheira Mariana Cali, que mesmo de longe esteve comigo durante todo o estágio obrigatório, fazendo meus dias mais felizes e compartilhando comigo o amor pela educação.

A todos os docentes da Faculdade de Educação/UFRGS, por serem mestres maravilhosos que me proporcionaram a possibilidade de crescer pessoalmente e profissionalmente diante da minha trajetória na universidade.

A minha querida orientadora Daniele Noal Gai, que foi um presente no meu processo de pesquisa e na vida. Professora que sempre me inspirou, até mesmo antes do estágio. Mais do que orientação, nossos encontros foram repletos de afetividade, escuta e troca. Obrigada pela sensibilidade, escuta e partilhas ao longo desse projeto. Sem ti, não seria a mesma coisa!

A todas as participantes desta pesquisa que se propuseram a estar comigo nas entrevistas em um momento de troca, escuta e aprendizagens. Sem vocês a pesquisa não seria possível!

A toda a equipe do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (CAPSi/HCPA) que estiveram comigo no estágio curricular e me proporcionaram aprendizagens e motivação para esta pesquisa.

Às minhas orientadoras do Estágio curricular I do Curso de Pedagogia, a Professora Luciane e a Professora Daniele, que estiveram presentes durante toda minha trajetória no CAPSi, alimentando minhas caminhadas com os encontros semanais de orientação, super potentes para a minha prática no campo da educação e saúde mental.

Todas vocês influenciaram meu processo de alguma maneira e fazem parte dele. Fica aqui minha eterna gratidão a cada uma!

RESUMO

Esta pesquisa investiga, questiona e busca enxergar a pedagoga atuante na Saúde Mental, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) no Sistema Único de Saúde (SUS). O problema que mobilizou esta investigação foi como construir a atuação da pedagoga com ênfase na assistência e no atendimento à saúde mental de crianças, adolescentes e adultos. Objetivou-se realizar reflexões frente às experiências de atuação de pedagogas em formação dentro de um CAPS Infantojuvenil e um CAPS II Adulto. Uma pesquisa cartográfica que construiu encontros e produziu narrativas com três graduandas em Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tais estudantes atuaram na saúde mental em seus estágios obrigatórios do curso de Pedagogia e seguiram atuando em CAPS por meio de estágios não obrigatórios. Esta pesquisa também abrange a minha experiência de estágio em CAPS, o meu Diário de Estágio, além dos estudos bibliográficos com a incidência dos temas pedagogia e saúde mental. Esta cartografia de experiências, narrativas e entrelaços, traduz alguns resultados importantes para a Licenciatura em Pedagogia e para Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), pois mostram que a pedagoga pode compor equipes de saúde mental, agir em equipes multidisciplinares de forma interdisciplinar, promover acolhimento, matriciamento, cuidado, inclusão, aprendizagens, saúde mental e bem estar para os usuários do CAPS.

PALAVRAS-CHAVE: pedagogia; narrativas; cartografia; saúde mental; centro de atenção psicossocial.

SUMÁRIO

1	PROCESSO METODOLÓGICO: CARTOGRAFIA NA PESQUISA	8
2	TRAJETO ACADÊMICO: VIVÊNCIAS, MOVIMENTOS E INQUIETAÇÕES	15
3	AS ENTREVISTAS: OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI	20
4	O CAPS E A REFORMA PSIQUIÁTRICA	25
4.1	O Centro de Atenção Psicossocial	28
5	PEDAGOGIA E A SAÚDE MENTAL	31
5.1	O que fazem as pedagogas no CAPS?	34
6	COSTURAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAPS	38
7	O QUE IMPULSIONA UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO A IR ATÉ O CAPS?	48
7.1	As oficinas e as suas possibilidades	52
7.2	A potência da escuta	57
7.3	Intencionalidade e planejamento: coisa de pedagoga?	62
8	A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGA NA SAÚDE MENTAL	68
9	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
10	ANEXOS	78

1

PROCESSO METODOLÓGICO:

CARTOGRAFIA NA PESQUISA

DO QUE SE TRATA ESTA PESQUISA...



Esta escrita não é apenas uma escrita. Para além de uma reflexão, de uma análise, de um levantamento de dados, aqui escrevo sobre

um olhar

OLHAR

o.lhar

1. Fixar os olhos em (alguém, algo ou si mesmo); encarar-se mutuamente; contemplar(-se), fitar(-se), mirar(-se).
2. Tomar conta de; tratar com cuidado ou zelo; cuidar, velar.
3. Atender a; ter em conta ou em vista; analisar, considerar, ponderar.
4. Contemplar atentamente, divagando em pensamento; admirar, apreciar, observar.

sm

1. Ação de olhar; movimento dos olhos, próprio para ver: Certos olhares são constrangedores. (Dicionário Michaelis Online)¹

¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/olhar/> Acesso em: 10 fev de 2022.

POR QUE UM OLHAR ?

Esta pesquisa é um olhar. Um olhar atento, analítico e reflexivo sobre o papel da pedagoga no Centro de Atenção Psicossocial. Para olhar, é preciso pensar, observar, compreender, se posicionar. Um modo de olhar também é singular, reflete nos contextos da vida, nas suas vivências e se entrelaça nos seus caminhos percorridos e naqueles que ainda se quer percorrer. Olhar e mudar de perspectiva, assumir e aceitar mudanças no olhar exige respeito a um processo, assim como exige estudo e esforço.

Permita-se sentir e ouvir o que vem de dentro. As inquietações podem lhe mover, lhe impulsionar, este pode ser o processo do seu olhar para algo, objeto, ação, alguém ou para si mesmo. Este é o meu caso, estas são as minhas inquietações, as provocações e estudos que me trouxeram até aqui.

Portanto, esta escrita tem

O MEU OLHAR

diante da atuação de pedagogas em formação nos Centros de Atenção Psicossocial Adulto e Infanto-Juvenil (CAPS).

A PEDAGOGA É POTENTE PELA SINGULARIDADE DE SUA FORMAÇÃO, INDEPENDENTE DO TERRITÓRIO, ESPAÇO EDUCATIVO E AMBIENTE DE APRENDIZAGEM. Ela pode, para além da escola, fazer um entrelaço da educação e saúde.

UMA COSTURA DE EXPERIÊNCIAS.



Figura: Bola de lã. Fonte: Arquivo pessoal

Trata-se de uma pesquisa cartográfica. Esta pesquisa, que sustenta meu Trabalho de Conclusão de Curso, traz algumas narrativas e experiências de pedagogas em formação e em estágio em um espaço de assistência à saúde mental. Tais pedagogas fizeram seus estágios curriculares e estágios não obrigatórios em Centros de Atenção Psicossocial. Uma experiência muito próxima da que tive durante a graduação e que mudou o meu olhar sobre as minhas possibilidades de atuação. Nesta pesquisa trago um breve registro de alguns desses entrelaços e experiências através dos estágios do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. “Para cartografar é preciso estar num território” (COSTA, 2014, p. 69). Nesta pesquisa, nosso território é o:



Figura: CAPS. Fonte: Arquivo pessoal

Entende-se por cartografia: “uma prática investigativa que, ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo” (COSTA, 2014, p. 70). Este é um ponto fundamental para pensar na metodologia, pois “a cartografia se compõe, necessariamente, de percursos, de desvios e de processos” (GAI, CASTRO, 2022, p. 106). Portanto, essa pesquisa não tem o objetivo de trazer resultados, mas, sim, reflexões, questionamentos, problematizações, enunciados possíveis, probabilidades, perspectivas e singularidades. Assim, eu trouxe para esta pesquisa UM entre tantos OLHARES diante de algumas possibilidades de pesquisa com pedagogas em formação e atuação em CAPS. Utilizo-me ao longo desta escrita de um olhar e procuro compartilhá-lo através do uso de artes, sons, silêncios, espaços, composição, em cores, em modelagens, em formas.

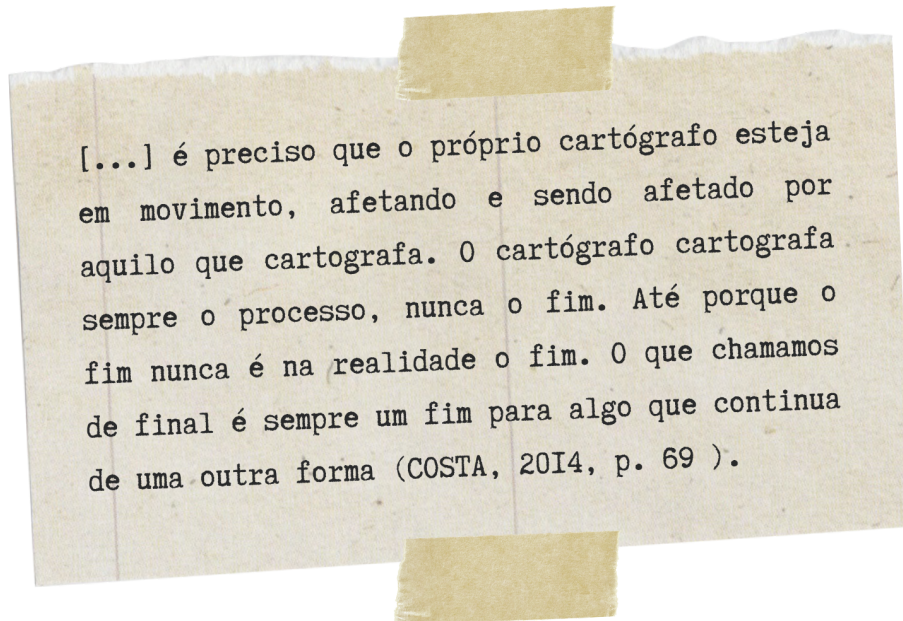


Figura: Cartografia. Fonte: Arquivo pessoal

Esta é uma das possibilidades de se vivenciar uma pesquisa: cartografando territórios, mapeando experiências e colocando em destaque narrativas singulares. Esta também pode ser uma possibilidade de vivenciar e atuar em um espaço de saúde mental. Trata-se de um recorte de experiências em um território.

Além de refletir a partir de narrativas das estagiárias que atuam no CAPS, trago nesta escrita a minha experiência neste mesmo território, que mostra o que me impulsiona e o que me afeta para pensar a pedagoga no CAPS. Classifico minha pesquisa como qualitativa, pois ela preocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (SILVEIRA, CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Nesta pesquisa reflito sobre a prática da estudante de pedagogia em formação, alguns pontos conflitantes sobre o lugar da pedagoga e os espaços em que poderia atuar. Tomo como referência colegas de graduação que atuaram em diferentes espaços educativos, entre eles os espaços de saúde mental do SUS.

Para esta cartografia, para a investigação, foram realizadas três entrevistas com graduandas do Curso de Pedagogia que atuam e/ou atuaram no CAPS através de estágios curriculares e estágios não obrigatórios. Faço um recorte e uma escolha por estudantes que atuaram nos Centro de Atenção

Psicossocial Adulto (CAPS II) e no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA).

Para a realização desta pesquisa, primeiramente, elaborei um formulário digital (ANEXO 3) na plataforma do Google, com o objetivo de mapear o público alvo. Desde o início das escritas do meu trabalho de conclusão de curso desejo conversar com pedagogas em formação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que atuaram em Centro de Atenção Psicossocial. Com o transcorrer de minhas leituras, com as respostas que fui recebendo e buscando ao longo da pesquisa, tomei algumas decisões quanto às entrevistas. Assim, acabei decidindo pela conversa com graduandas de pedagogia que realizaram seus estágios obrigatórios curriculares em CAPS e que seguiram no local por serem selecionadas e contratadas por meio de estágio não obrigatório remunerado.

Desta forma, realizei a divulgação do link do formulário em diferentes grupos de estudantes da pedagogia e solicitei para as minhas colegas que compartilhassem o recurso com a intenção de alcançar um número expressivo de pessoas. Além disso, também enviei o formulário para as supervisoras do estágio nos CAPS do HCPA, uma vez que elas poderiam remeter diretamente para as estagiárias que atuavam e/ou atuaram no serviço.

Neste formulário obtive nove (09) respostas de colegas que realizaram observações, mini práticas e estágio curricular no campo da pedagogia e saúde mental. Sendo que seis (06) respostas foram de antigas estagiárias, que atuaram no CAPS através de estágios obrigatórios curriculares e que não seguem vínculo de trabalho ou estágio remunerado no local. Destas nove respostas, apenas três (03) foram de estagiárias que atualmente estão estagiando no CAPS, através de estágios não obrigatórios. As trabalhadoras e supervisoras do estágio da Pedagogia no CAPS enviaram-me por e-mail o contato de cinco (05) estagiárias, porém, todas estão formadas e não atuam mais no local.

Logo, o total de entrevistadas foram três (03) estudantes de graduação em Pedagogia, com experiência de estágio curricular e não curricular, foram convidadas a conversar e compartilhar suas narrativas. Após o mapeamento dessas estudantes que seriam convidadas para uma conversa e que seriam entrevistadas com base em questões previamente estruturadas (ANEXO 2), entrei em contato para explicar brevemente sobre minha pesquisa, marcar a data da entrevista através de chamada de vídeo com uso da plataforma Mconf UFRGS e enviar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1) para ciência dos objetivos da pesquisa.

Os contatos iniciais se deram através de email, posteriormente em chamadas virtuais gravadas. As entrevistas foram voluntárias, não tendo relações com vantagens ou contribuições financeiras. Para todas as colaboradoras da pesquisa, disponibilizei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e após a assinatura, realizamos a entrevista de modo virtual.

Conforme consta no termo de consentimento os nomes das participantes não serão divulgados nesta pesquisa. As narrativas das estudantes de pedagogia foram identificadas com cores e nomes que pensei com carinho para cada uma delas: Maria, Ana e Cecília. A Maria atua no CAPSi, no mesmo lugar em que fez o estágio obrigatório. Ana e Cecília trabalham no CAPS II Adulto, mesmo local em que fizeram o seu estágio obrigatório do Curso de Pedagogia. Para guiar as narrativas nesta cartografia, trago legendas para cada trecho das entrevistas, assim como para narrativas e relatos extraídos do meu diário de estágio.

- Maria tem suas narrativas na cor roxo-escuro, articulando com a fonte COURIER NEW: “Eu descobri pelo ambiente do CAPS que gostei e gosto da saúde mental. É a área que mais me brilha o olho.” - Maria (Registro audiovisual da entrevista, 15/02/2022) .
- Ana, tem seus trechos na cor verde-escuro, com a fonte LORA: “Me encantei com as propostas do estágio I.” - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).
- Cecília tem em suas narrativas a cor roxo vibrante, com a fonte DOSIS: “O que me pega para voltar no CAPS é ver a potência da pedagoga nesse espaço.” - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Esta pesquisa cartográfica também borda com as narrativas do meu Diário de estágio, realizado durante o estágio curricular obrigatório no CAPSi do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) em 2020. Oportunidade ofertada nas Disciplinas de Seminário e Estágio Docente I Educação Especial, Processos e Práticas do Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de

Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e falarei sobre essa importante experiência nos próximos capítulos. Para as minhas narrativas, uso a cor verde-escuro e a fonte *Shadows Into Light*:

"Está sendo muito bom pensar nos planejamentos de fora da escolarização, estou conseguindo colocar em prática algo que é muito falado na universidade: planejar com o sujeito no caps. A experiência do estágio está sendo desafiadora sim, mas enriquecedora para a minha prática como pedagoga." - Karolyne (Registro em Diário de estágio, 20/11/2020)

As entrevistas foram gravadas para uso restrito da pesquisa, o material foi gravado após a autorização das participantes e alguns trechos foram transcritos ao longo desta cartografia. Durante a conversa na plataforma virtual, anotei pontos significativos para esta pesquisa e também usei a transcrição de alguns trechos das falas das colaboradoras da pesquisa para compor com autoras e canções que embalsamaram este estudo. Fiz anotações em meu Diário de estágio e o utilizo nesta cartografia, especialmente para fazer leituras, imersões, inferências, reflexões, bem como no levantamento de recorrências, semelhanças, divergências, discrepâncias e pontos comuns das narrativas das entrevistadas. Todos esses movimentos fazem desta escrita uma cartografia.

A cartografia ocupa-se de planos moventes, de campos que estão em contínuo movimento na medida em que o pesquisador se movimenta. Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa (COSTA, 2014, p. 71).

O movimento que se construiu ao longo desta escrita se deu através de recortes de experiências no CAPS. Portanto, esta escrita é possível pelo movimento de quem faz a assistência em saúde mental, como quem faz uma cartografia e uma pesquisa. As análises e as narrativas se entrelaçam de modo que exploram práticas que a pedagoga pode construir, elaborar e fazer por sua área de estudos e formação.

2

TRAJETO ACADÊMICO:

VIVÊNCIAS, MOVIMENTOS E INQUIETAÇÕES

“Eu vou andando pelo mundo como posso
 E me refaço em cada passo dado
 Eu faço o que devo, e acho
 Não me encaixo em nada
 Não me encaixo, em nada”
 Luedi Luna - Acalanto²

Para dialogar sobre a pedagogia em formação no CAPS esta pesquisa abrange entrevistas com graduandas em pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que atuam no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) através de estágios não obrigatórios, sendo elas estudantes que já passaram pelo estágio obrigatório curricular. De acordo com o Art. 1º da Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008, s/p).

Ainda esclarecendo sobre o estágio com base na Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o Art. 2º estabelece no § 1º que o “Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma” (BRASIL, 2008) e no § 2º que o “Estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória” (BRASIL, 2008).

Como graduanda em Pedagogia na UFRGS, realizei meu estágio obrigatório curricular nomeado de Estágio de Docência I: Educação Especial, Processos e Práticas no CAPSi. Durante o

² Luedi Luna. Música “Acalanto”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZRNcuW91sIU>. Acesso em: fevereiro de 2022.

estágio as professoras propuseram a construção de um Diário de estágio, que poderia ser físico ou virtual. Nele escreveríamos nossas análises, vivências, pesquisas, práticas e reflexões sobre leituras e políticas de saúde, bem como de outros materiais estudados no Seminário de estágio. Este escrito foi elaborado por mim de modo virtual e postado no Ambiente virtual de aprendizagem sugerido pelas orientadoras do estágio. A partir dessa experiência mergulhei dentro da área da educação e saúde mental, interagindo com outras estudantes que também estavam estagiando no campo da educação e saúde.

“Pesquisar enquanto estuda. Fazer anotações.
 Construir seu diário de campo, seu diário de
 imagens, seu diário de desenhos, seu diário de
 esboços, seu diário de rabiscos”
 (GAI, 2015, p. 3)



Figura: Capa do Diário de estágio virtual. Fonte: Arquivo pessoal

“EDUCAÇÃO É UMA FORMA DE INTERVENÇÃO NO MUNDO”. (FREIRE, 1996, p. 38)

Sempre acreditei fortemente na educação e na influência que ela tem perante a sociedade e os cidadãos, esse foi o motivo chave para entrar no curso de Licenciatura em Pedagogia. Em 2017 ingressei na Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desde o início do

curso, me questionei sobre a atuação de pedagogas(os) em outros espaços além de propriamente escolares, considerando que a pedagogia é bastante vista pela sociedade como formação de professoras e professores. Felizmente, ao longo da minha trajetória acadêmica, tive oportunidade de realizar práticas, saídas de campo e estágios em diferentes possibilidades de espaço. Em 2018, iniciei minha prática pedagógica como estagiária em uma escola privada de Porto Alegre como auxiliar pedagógica de Inclusão, minha função era acompanhar e auxiliar alunos com deficiências e/ou transtornos mentais, assim como aqueles alunos sem laudo, e que apresentavam dificuldades de aprendizagens significativas em sala de aula.

A partir dessa experiência comecei a pesquisar mais a fundo sobre a Educação Especial para qualificar cada vez mais a minha prática no ambiente escolar. Inquietações surgiram sobre como essa modalidade se entrelaçava com espaços de saúde mental e, principalmente, como é a atuação da pedagoga nos espaços de assistência à saúde mental. Essa inquietação foi a motivação para eu realizar meu estágio curricular no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSi) vinculado ao Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Diante da minha vivência como estagiária me questionei sobre como seria a atuação da pedagoga em espaços de saúde mental na perspectiva da inclusão e da relação interdisciplinar com outras profissionais da área da saúde, assim como a partir do olhar das pedagogas em atuação neste cenário. No capítulo 6 deste trabalho de pesquisa, irei detalhar sobre a minha prática no CAPSi **entrelaçando** com a prática de estudantes de pedagogia que experimentaram os desafios do campo educação e saúde em sua formação acadêmica.

“Para navegar contra a corrente são necessárias condições raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão.” -Nise da Silveira³

A pedagoga é muito lembrada como professora alfabetizadora e vista somente em ambientes escolares. Ainda é novidade para a sociedade pensar na pedagoga fora da escola, principalmente em espaços de saúde. Eu e as voluntárias, pedagogas em formação, entrevistadas nesta pesquisa, estamos entre as primeiras graduandas do estágio obrigatório da pedagogia a atuar no Centro de Atenção Psicossocial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Segundo a supervisora dos estágios no CAPSi,

³ Nise da Silveira Núcleo de Arte. Disponível em:

<http://nanisedasilveira.blogspot.com/2012/11/para-navegar-contracorrente-sao.html> Acesso em: 15 mar. 2022.

desde seu ingresso como coordenadora do serviço, em 2020, tiveram cerca de quatro (04) estagiárias e um (01) estagiário da pedagogia, considerando que eu e minha dupla fomos as primeiras a fazerem estágio curricular em formato de encontros, teleatendimento⁴ e assistência remota. No CAPS II Adulto, a supervisora afirma que tiveram cerca de treze (13) estagiários da pedagogia atuando no local até este momento (semestre letivo 2021/02 da UFRGS e ano civil 2022). Ou seja, a atuação e estágio da pedagogia no CAPS do HCPA ainda é uma prática recente e que está em andamento. Apesar disso, os estudantes do curso apresentam grande vontade de estar em um CAPS, uma vez que obtive respostas sobre observações e mini práticas no formulário de pesquisa que compartilhei amplamente com os meus colegas da graduação em Pedagogia. Durante muito tempo o curso foi direcionado somente para a atuação em escola, o que parecia bastante distante do campo da saúde.

Pedagoga para a escola?

Pedagoga na escola?

Pedagoga-professora?

E para além da escola?



“Vento vem me trazer boas novas

Que eu sempre esperei ouvir”

(Luedji Luna - Asas)⁵

Foi em 2018, com a reforma curricular do curso de graduação, que iniciaram, na Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os estágios curriculares obrigatórios nos campos da educação e saúde, entre eles os estágios nos espaços de assistência à saúde mental, do

⁴ Teleatendimento: atendimento remoto aos usuários do CAPSi, formato no qual desenvolvi Estágio curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia durante a pandemia da Covid-19. Atendimento via chamada de vídeo, whatsapp ou plataformas digitais, onde ser promove encontros para usuários do SUS, para fins de atenção à saúde e cuidado em saúde mental. É diferente do que se conhece como telemedicina, que foi regulamentada pela portaria nº 467, de 20 de março de 2020. E também tem diferença das oficinas descritas nas diretrizes e documentos que organizam os serviços e atendimento dos CAPSi.

⁵ Luedi Luna. Música “Asas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmLCCdekyhbs>. Acesso em: 7 mar. 2022.

qual eu fiz parte das primeiras turmas e em uma formato de estágio remoto, devido a pandemia da Covid-19 e a restrição das atividades presenciais na universidade e nos cenários de práticas.

E se a reforma curricular não me alcançasse?

É AGORA

por sinal

que terá:

Pedagoga na saúde mental

Ao longo da minha caminhada, entrelaços e trilha no CAPSi, me fiz inúmeras perguntas sobre a minha atuação no estágio, assim como houveram problematizações que geraram inquietações provocadas pela equipe do CAPS sobre a atuação da pedagoga nesse espaço de saúde mental. Uma atuação que, ao meu ver, é para além da alfabetização, pois a pedagogia e a pedagoga ocupam outros espaços além da sala de aula, da recreação, da classe hospitalar, nos diferentes ambientes de cuidado em saúde do SUS.

3

AS ENTREVISTAS :

OS CAMINHOS PERCORRIDOS ATÉ AQUI

Para esta pesquisa foram feitas entrevistas semiestruturadas, onde:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT et al., 2009, p. 72).

Foi no primeiro contato direto com as entrevistadas que me senti uma *pesquisadora-entrevistadora-CARTÓGRAFA*. Confesso que estava ansiosa pelo momento. Logo no início das entrevistas eu agradei previamente pela participação na minha pesquisa, frisei sobre as gravações que seriam para fins de pesquisa em meios acadêmicos, específico para as análises sobre a pedagoga e as suas experiências de estágio na saúde mental. Afirmi sobre os nomes não serem divulgados e por fim sobre a minha intenção de escutá-las. Pensando que não queria estabelecer um momento onde o esperado era somente falar de modo formal, se tornando uma entrevista vazia. Essa era uma preocupação minha. Queria que as entrevistadas se sentissem acolhidas e valorizadas com sua presença, não apenas as palavras ali importariam, mas a vivência de cada uma delas, a experiência que cada estagiária trazia consigo. Eu tinha sede de escutá-las e a minha vontade era de me manter no diálogo e na entrevista pelo resto do dia. Minha proposta era promover um encontro, de escuta atenta, ativa, com acolhimento e seriedade. Tentei controlar o tempo na medida do possível, de modo sutil, para que tivéssemos um encontro contínuo e que não precisássemos cortar as narrativas e as sensações e iniciar em outro dia, de modo um pouco descontextualizado.

A verdade é que eu não queria perder o fio da meada nesses momentos de escuta e relatos.



FIO: Fibra de qualquer material têxtil torcida; barbante.

(Dicionário Michaelis Online)⁶

MEADA: Porção de fios dobrados frouxamente.

(Dicionário Michaelis Online)⁷



Quem já passou pela experiência de se deparar com um fio dobrado e emaranhado sabe que achar a ponta e desenrolar as dobras é algo trabalhoso, que leva tempo e dedicação. Assim me refiro a esta expressão, não queria perder o fio da meada em meio ao encontro com as voluntárias da pesquisa, pois a cada momento era uma construção que estava sendo formada com cada entrevistada. Vivenciei. Uma das entrevistadas, a Maria, preferiu fazer em duas partes a entrevista pelo tempo que ela tinha disponível. Fizemos o possível para não perder o fio condutor no segundo encontro. Durante minha trajetória na pesquisa defini alguns critérios de seleção para as colaboradoras da pesquisa nas entrevistas.

COMO FOI FEITA A SELEÇÃO DAS ENTREVISTADAS?

1 - Graduandas em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

⁶ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fio/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/meada/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

2 - Estudantes que realizaram o estágio obrigatório na Disciplina de Estágio Docente I: Educação Especial, Processos e Práticas em algum dos Centros de Atenção Psicossocial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre;

3 - E por fim, que atuaram nos CAPS/HCPA através de estágios não obrigatórios.

As entrevistadas receberam os nomes fictícios no decorrer das análises e na redação final deste trabalho de conclusão de curso. Elaborei um roteiro de perguntas (ANEXO 2) para a realização das entrevistas, pensando na ordem de cada uma, organizando as primeiras perguntas de maneira mais geral para ir conhecendo suas vivências em relação à temática da pesquisa. Além disso, na hora de realizar as perguntas foi importante lembrar de deixar a participante confortável e segura para a entrevista. No início da chamada, retomei o agradecimento a cada estudante por estar participando da minha pesquisa, pois sem elas isso não seria possível.

Esta pesquisa contempla entrevistas em sua metodologia, optei por essa escolha principalmente por ser um tema ainda em exploração, investigação e estudos, mas tenho um outro ponto que também influenciou na hora de estruturar minha pesquisa, o encontro com colegas de graduação e com experiências que se entrelaçam com as minhas. Como afirma Costa (2014, p. 70), “se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro”.

ENTREVISTA

en·tre·vis·ta

sf

1 Visita ou encontro combinado; entrefala.

2 Reunião entre duas ou mais pessoas, em local determinado, com objetivo de esclarecer assuntos pendentes, expor ideias ou obter opiniões dos presentes.

(Dicionário Michaelis Online)⁸

⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/entrevista/> Acesso em: 15 mar. 2022.


QUERO falar sobre algo que ainda está em expansão.

Como expandir ainda mais?

“A entrevista individual pode ser uma técnica bastante adequada quando objetivamos explorar em profundidade aspectos da vida do entrevistado” (LOPES, CORDEIRO, 2011, p. 60). É preciso ouvir, acolher, ter ética e considerar as falas de pessoas que estão no campo investigado, atuando, neste mesmo campo em que pesquiso e que já estive presente. Para isso acontecer, eu tenho que estar no **ENCONTRO** com este sujeito atuante. E a partir disso veio a minha loucura pelas entrevistas e no que elas geraram ao longo desta pesquisa, justamente pela potência do diálogo no **encontro**. Para alcançar este objetivo escolhi fazer entrevistas individuais. “Um encontro é sempre ziguezagueante, algo que se passa entre dois, transitando pela multiplicidade de coisas e signos que povoam o momento singular do encontrar-se” (COSTA, 2014, p. 70). Além do mais, penso que as participantes se sentiriam mais confortáveis estando apenas comigo neste momento. Segundo Lopes e Cordeiro outra ação importante é

[...] deixarmos para depois do término da entrevista o registro das manifestações do entrevistado – tanto as verbais, como pronúncias, entonações e silêncios; quanto as corporais, como gestos, posturas, mímicas, olhares, lapsos etc. (LOPES, CORDEIRO, 2011, p. 61).

Para fazer uma entrevista é preciso estudar, não apenas ouvir. Acredito que podemos fazer da entrevista um encontro potente, com ética, conforto, escuta e postura. Ir a campo através dos meios tecnológicos foi desafiador, dando um resultado bastante positivo. As gravações das entrevistas me possibilitaram rever várias vezes as narrativas de cada voluntária, com calma, um olhar ético e uma escuta atenta. A cada relato era uma reflexão nova, aspectos que muitas vezes passam por nós na correria da vida e ter a possibilidade da **(re)escuta** foi motivador. Fui detalhista. A (re)escuta possibilita a ação e **ENTRELAÇOS**.



Enquanto eu ouço as minhas colegas de graduação e colaboradoras desta pesquisa, com a escuta atenta e ativa, faço relações com as bases teóricas, com as minhas sensações e práticas no CAPSi, adquiro **NOVOS** conhecimentos, perspectivas, reflexões e sensações. Sinto que através das

narrativas consegui me aproximar das perspectivas, inquietações e memórias que foram construídas pelas voluntárias da pesquisa em nossos encontros remotos matinais na plataforma Mconf UFRGS.

4

O CAPS E A REFORMA PSIQUIÁTRICA

UM BREVE DIÁLOGO

A Reforma Psiquiátrica é processo político e social complexo, composto de atores, instituições e forças de diferentes origens, e que incide em territórios diversos, nos governos federal, estadual e municipal, nas universidades, no mercado dos serviços de saúde, nos conselhos profissionais, nas associações de pessoas com transtornos mentais e de seus familiares, nos movimentos sociais, e nos territórios do imaginário social e da opinião pública. (BRASIL, 2005, p. 6).

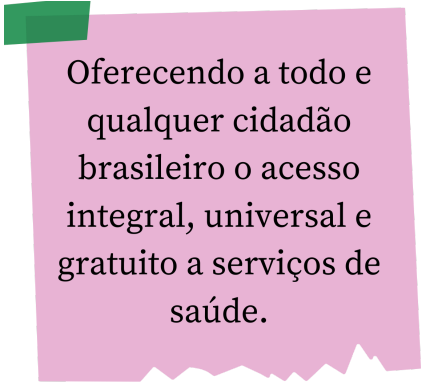
O Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) surgiu em 1978 e foi a partir desse movimento que ocorreram as denúncias diante das violências nos manicômios e se construiu uma crítica ao modelo de hospital na tentativa de proporcionar assistência de qualidade às pessoas com transtornos mentais. Após a experiência italiana de “[...] desinstitucionalização em psiquiatria e sua crítica radical ao manicômio [...]” (BRASIL, 2005, p. 7), que se torna inspiração, aconteceram os primeiros movimentos e ações para um novo olhar de assistência de pessoas com transtornos mentais. “O II Congresso Nacional do MTSM (Bauru, SP), em 1987, adotou o lema *“POR UMA SOCIEDADE SEM MANICÔMIOS”* (BRASIL, 2005, p. 7). Foi neste período que surgiu o primeiro CAPS do Brasil, em São Paulo.

Uma das principais conquistas foi a criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), um modelo substitutivo ao manicômio cuja missão é oferecer cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial às pessoas que sofrem com transtornos mentais severos e persistentes, evitando (re)internações e favorecendo a inclusão social dos usuários e de suas famílias. (CARVALHO; FERREIRA, 2018, p. 83).

Além disso, ocorreu “o início de um processo de intervenção, em 1989, da Secretaria Municipal de Saúde de Santos (SP) em um hospital psiquiátrico, a Casa de Saúde Anchieta, local de maus-tratos e mortes de pacientes.” (BRASIL, 2005, p. 7). Esta ação alimentou a possibilidade de substituir os hospitais psiquiátricos por lugares efetivos para a assistência coerente com os sujeitos que estão em sofrimento psíquico. A partir disso, foram criados Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS) na cidade citada.

Em 1988 foi criado o SUS:

Sistema
Único
(de)
Saúde



Oferecendo a todo e qualquer cidadão brasileiro o acesso integral, universal e gratuito a serviços de saúde.

Figura: SUS. Fonte: Arquivo pessoal

O SUS tem o horizonte do Estado democrático e de cidadania plena como determinantes de uma “saúde como direito de todos e dever de Estado”, previsto na Constituição Federal de 1988. (BRASIL, 2004, p. 13). Em 1989 propõe-se: “a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país. É o início das lutas do movimento da Reforma Psiquiátrica nos campos legislativo e normativo” (BRASIL, 2005, p. 7) . Dessa forma, os movimentos sociais conseguiram mudanças políticas, mudanças na assistência, que substituíssem os hospitais psiquiátricos por uma rede integrada de atenção à saúde mental.

Passam a entrar em vigor no país as primeiras normas federais regulamentando a implantação de serviços de atenção diária, fundadas nas experiências dos primeiros CAPS, NAPS e Hospitais-dia, e as primeiras normas para fiscalização e classificação dos hospitais psiquiátricos (BRASIL, 2005, p. 8).

A reforma psiquiátrica trouxe muitos benefícios e também muitas responsabilidades para as famílias dos pacientes com transtornos mentais. O cuidado passou exclusivamente do Estado para ser desenvolvido em conjunto com a família e demanda tempo, dedicação, paciência e afeto. (CARVALHO; FERREIRA, 2018, p. 84).

A Reforma Psiquiátrica Brasileira mostrou um novo olhar para pensar nas práticas de saúde com as pessoas com transtornos mentais e que estão em sofrimento psíquico. Foi imprescindível a substituição dos hospitais psiquiátricos para lugares que respeitem radicalmente a singularidade dos indivíduos, se preocupando com o desenvolvimento integral dos usuários de saúde mental com transtornos mentais, com oferta de assistência à saúde mental com uma equipe multiprofissional, que abrange cerca de dez (10) profissionais de diferentes áreas da saúde e licenciatura, dependendo de cada gestão de CAPS, de cada organização de equipe de CAPS. Os CAPS estão espalhados por

todo o país, são lugares que visam proporcionar atendimentos voltados às pessoas com transtornos mentais e que se preocupam com a saúde, a autonomia e com a integração dos usuários na sociedade de forma inclusiva.

4. 1

O CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Afinal, O QUE SÃO OS CAPS?

Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico (BRASIL, 2004, p. 9).

A assistência psicossocial no Brasil tem um marco histórico. Territórios como os Centros de Atenção Psicossocial foram construídos através de movimentos e luta por um espaço vinculado a Redes de cuidados.

Um país, um Estado, uma cidade, um bairro, uma vila, um vilarejo são recortes de diferentes tamanhos dos territórios que habitamos. Território não é apenas uma área geográfica, embora sua geografia também seja muito importante para caracterizá-lo. O território é constituído fundamentalmente pelas pessoas que nele habitam, com seus conflitos, seus interesses, seus amigos, seus vizinhos, sua família, suas instituições, seus cenários (igreja, cultos, escola, trabalho, boteco etc.). É essa noção de território que busca organizar uma rede de atenção às pessoas que sofrem com transtornos mentais e suas famílias, amigos e interessados. (BRASIL, 2004, p. 11)

Afinal, E AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO CAPS?

O Artigo 5º da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNAIC), (2015, s/p) possui as seguintes diretrizes a serem observadas na elaboração dos planos, programas, projetos e ações de saúde voltadas para crianças:

- I - gestão interfederativa das ações de saúde da criança;
- II - organização das ações e serviços na rede de atenção;
- III - promoção da saúde;
- IV - fomento à autonomia do cuidado e da corresponsabilidade da família;
- V - qualificação da força de trabalho do SUS;

- VI - planejamento e desenvolvimento de ações;
- VII - incentivo à pesquisa e à produção de conhecimento;
- VIII - monitoramento e avaliação; e
- IX - intersetorialidade.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança contempla e afirma a necessidade da promoção da saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde. O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço componente da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do SUS. O CAPS visa “promover a inserção social dos usuários através de ações intersetoriais que envolvam educação, trabalho, esporte, cultura e lazer, montando estratégias conjuntas de enfrentamento dos problemas”. (BRASIL, 2004, p. 13). O CAPS tem um público específico:

As pessoas atendidas nos CAPS são aquelas que apresentam intenso sofrimento psíquico, que lhes impossibilita de viver e realizar seus projetos de vida. São, preferencialmente, pessoas com transtornos mentais severos e/ou persistentes, ou seja, pessoas com grave comprometimento psíquico, incluindo os transtornos relacionados às substâncias psicoativas (álcool e outras drogas) e também crianças e adolescentes com transtornos mentais (BRASIL, 2004, p. 15).

Os CAPS surgem com a intenção de substituir os hospitais psiquiátricos,

oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. É um serviço de atendimento de saúde mental criado para ser substitutivo às internações em hospitais psiquiátricos. (BRASIL, 2004, p.13).

O objetivo é o mesmo para todos os CAPS, o funcionamento e as vivências se dão a partir do lugar, e provavelmente irão mudar, pois toda a realidade influencia nas experiências, como o local, as comunidades a sua volta, os usuários, a gestão e outros aspectos que devem ser considerados. **POSSIBILIDADES**. É importante destacar que cada usuário tem um projeto de vida diferente, são pessoas distintas, com vivências singulares e com caminhos diversos, portanto, o plano terapêutico deve ser único e contextualizado para cada usuário. De acordo com o Manual de Saúde Mental do SUS, existem diferentes tipos de CAPS (BRASIL, 2004, p. 22):

- CAPS I e CAPS II: são CAPS para atendimento diário de adultos, em sua população de abrangência, com transtornos mentais severos e persistentes.
- CAPS III: são CAPS para atendimento diário e noturno de adultos, durante sete dias da semana, atendendo à população de referência com transtornos mentais severos e persistentes.

- CAPSi: CAPS para infância e adolescência, para atendimento diário a crianças e adolescentes com transtornos mentais.
- CAPSad: CAPS para usuários de álcool e drogas, para atendimento diário à população com transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, como álcool e outras drogas. Esse tipo de CAPS possui leitos de repouso com a finalidade exclusiva de tratamento de desintoxicação.

5

PEDAGOGIA E A SAÚDE MENTAL

“É natural

que pensem que a pedagogia não tem conexão com a saúde mental

Quem sabe ampliar os horizontes

Descobrir os montes...”

Karolyne (Registro em Diário de estágio).

O termo *saúde mental*, muitas vezes remete a ausência de doenças, mas na verdade, ter saúde é muito mais do que a ausência de doença. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade. Atualmente não há como limitar falar de saúde mental somente ao campo de conhecimento da medicina, pois abrange questões sociais, de saúde, políticas, de educação, entre outras. Para a efetivação da atenção à saúde mental é preciso uma rede de diferentes profissionais, cada um com uma importância fundamental e eficaz. A portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002 descreve algumas categorias profissionais para compor a equipe dos CAPS com a especificidade de acordo com os diferentes tipos de CAPS, citados no capítulo anterior (4.1) desta pesquisa. Alguns dos profissionais que estão descritos nos documentos que orientam a estruturação das equipes dos CAPS são: pedagogos, médicos, assistente social, enfermeiras, entre outros.

A Reforma Psiquiátrica Brasileira trouxe para as políticas de saúde novas maneiras de se enxergar os sujeitos em sofrimento psíquico e os possíveis tratamentos. Com essa perspectiva, outros espaços foram criados, como o CAPS, e novos profissionais foram requisitados para atender a demanda atual em relação à atenção e assistência na saúde mental. No SUS a concepção de saúde mental se distancia da ausência e/ou presença de doença, se tornando necessário aos serviços de

saúde mental a promoção ao bem-estar mental e prezando pela inserção do sujeito em sofrimento psíquico na sociedade, desenvolvendo habilidades de autonomia e criando todas as formas possíveis para viver em liberdade e conviver socialmente.

A atuação da pedagoga na saúde mental implica no entrelaço da educação e da saúde, assim como da pedagogia e da saúde mental. Como já citei anteriormente, a atuação da pedagoga é muito pontuada na escola e arrisco a dizer que é como se a pedagoga só existisse naquele lugar e com a determinada função de alfabetizar. Ou até mesmo que o espaço escolar é o único lugar que envolve processos de ensino e aprendizagem, portanto, o único espaço visto como possível para a atuação de pedagogas. De fato, a pedagogia é uma ciência da educação voltada à aprendizagem e de acordo com a própria Lei, a escola é o lugar de formação dos cidadãos, além de incluir o ensino e a aprendizagem.

Contudo, atualmente não há como dizer que a escola é o único lugar para construir aprendizagens e para a aprendizagem se dar. A aprendizagem é mobilizada pela diversidade de cada espaço, cada sujeito, engloba a singularidade de cada um com suas vivências, trajetórias e do que carregam em seus corpos. Cada ser diante de sua experiência de vida têm diferentes aprendizagens, porque nós aprendemos o tempo todo, a escola proporciona aprendizagens para vivermos em sociedade, como: a leitura, a escrita, noções matemáticas e entre outros. Porém, a aprendizagem está para além dos muros das escolas, não podemos dizer que este é o único lugar em que se aprende. A pedagoga pode estar na escola, para além da sala de aula, atuando como gestora, orientadora e em outros lugares não escolares, como: empresas, no âmbito social, em sindicatos, hospitais, museus, entre outros.

Sendo assim, nesta pesquisa a pedagoga está em destaque como atuante na saúde mental. Sobre o pedagogo, seja em formação, seja com formação completa, é parte da equipe multidisciplinar no CAPS, de acordo com a portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, e deve carregar embasamentos em suas práticas. As práticas pedagógicas dos profissionais da licenciatura em pedagogia são únicas e singulares, estes profissionais carregam uma formação e uma bagagem que reflete e influencia na promoção da saúde. “Na área da saúde, existem várias formas de conceber e de construir conhecimento, que embasam diferenciadas práticas” (SILVA-ARIOLI et al., 2013, p. 675). Acerca da presença de uma pedagoga no CAPS

contribui com o desenvolvimento intelectual e com o crescimento dos indivíduos que ali estão inseridos no tocante à realidade de vida de cada um, fazendo com que os mesmos possam desenvolver melhor domínio de si, de suas habilidades, de sua autonomia e de suas emoções, como também lhes despertando o interesse em aprender, buscar novos conhecimentos e resgatar os que ficaram esquecidos, garantindo assim uma aprendizagem significativa, dinâmica e prazerosa, aliando saberes e vontades (VALE, 2017, p.33).

A filosofia de Espinosa⁹ define o *corpo* “como um aglomerado de partes duras e moles, um conjunto de átomos, moléculas, tecidos e órgãos [...]” (TRINDADE, s.d) que conseguem manter um ao outro e formar então, o corpo. Entretanto, não temos a capacidade de governar este corpo, porém ele pode afetar e ser afetado pelo mundo. Espinosa pontua que cada corpo ganha potência quando é tomado por afetos positivos, isso acontece nos encontro entre os corpos, quanto mais afetos positivos um corpo recebe, mais produção de potência de agir no mundo. Assim como afetos negativos podem causar menos possibilidades de agir no mundo, por serem afetos degradantes e despotencializadores dos modos de ser e agir de cada corpo. (GAI, 2015).

“PEQUENAS” AÇÕES INCLUSIVAS PODEM GERAR

GRANDES POTÊNCIAS NOS CORPOS .

A partir disso, podemos refletir sobre o quanto a atenção e o acolhimento são essenciais na nossa prática para produzir mais potência para os usuários de saúde mental seguirem capazes de enfrentar seus desafios. De acordo com a Política Nacional de Humanização (PNH),

o acolhimento é construído de forma coletiva, a partir da análise dos processos de trabalho e tem como objetivo a construção de relações de confiança, compromisso e vínculo entre as equipes/serviços, trabalhador/equipes e usuário com sua rede socioafetiva (2021, s/p).

O olhar sensível e os aspectos afetivos, ações que fazem a diferença na prática em saúde mental, são propostas de humanização.

"HUMANIZAR É CONSTRUIR RELAÇÕES QUE AFIRMEM OS VALORES QUE ORIENTAM NOSSAS POLÍTICA PÚBLICA DE SAÚDE" (humanizasus, 2021).

⁹ TRINDADE, Rafael. Espinosa - Origem e natureza dos afetos. Disponível em:

<https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/#:~:text=Espinosa%20o%20define%20como%20um,se%20e%20agirem%20em%20conjunto> Acesso em: 10 maio 2021.

5. 1



Figura: Entrelaço de lã. Fonte: Arquivo pessoal

O QUE FAZEM AS PEDAGOGAS NO CAPS?

A portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, inclui a categoria profissional de pedagogos nos CAPS do Brasil. Tanto no CAPS adulto quanto no CAPS infantojuvenil as entrevistadas relatam que participam de reuniões de equipe, planejamentos em equipe, seminários de estudos, estudos de caso, altas e devolutivas cuidadosas sobre os usuários de saúde mental. As pedagogas em formação, colaboradoras desta pesquisa, também relataram que participam ativamente de oficinas terapêuticas, planejam oficinas, preparam materiais, listam materiais a serem adquiridos, selecionam linhas e tecidos para bordados etc. As narrativas recorrentes são de que são fundamentais e que aprendem com os encontros de orientação com as supervisoras, os seminários coletivos, os atendimentos individuais e as evoluções de cada um dos usuários de saúde mental. As evoluções são documentos escritos pelas equipes multiprofissionais do CAPS e também pelas estagiárias, em que dissertam sobre o momento com cada um dos usuários, seja durante as oficinas ou os atendimentos individuais. Ana complementa: “As evoluções são minhas impressões diante do usuário, com objetivos e perspectivas do meu olhar”. - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Essas funções que cito são também de outras áreas, outros campos, não são próprias da pedagogia. Embora as pedagogas em formação tenham os mesmos espaços de outras áreas, eu questiono para refletirmos: tem alguma demanda específica da pedagoga no CAPS? Cecília cita em um momento da entrevista: “Eu, como estagiária e estudante, consigo visualizar algumas coisas [próprias da pedagoga]”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 02/03/2022).

Logo, este CAPS não tem um ou mais espaços e funções específicas definidas para as pedagogas,

suas demandas são as mesmas de outras áreas, porém, a ação é diferenciada, justamente pela categoria e pelas **coisa de pedagoga**, que citarei mais adiante nesta escrita. Nas entrevistas nota-se que a falta de uma pedagoga no CAPS como parte da equipe influencia no trabalho das estagiárias e na compreensão sobre a potência da pedagogia compondo a equipe de saúde mental. Em relação ao planejamento, Maria traz em suas falas que ter uma pedagoga neste território ajudaria muito na elaboração de propostas.

Eu penso que seria muito legal se pudesse ter uma pedagoga pensando comigo esses planejamentos porque eu sinto que a minha falta de experiência [na saúde mental] faz com que eu demore mais tempo para identificar algumas coisas. Coisas que uma pedagoga experiente [na saúde mental] poderia bater o olho e já pensar em alguma proposta.
- Maria (Registro audiovisual da entrevista, 15/02/2022).

É bastante desafiador para uma equipe de serviço de saúde, que contempla outras áreas do conhecimento, compreender o que pode ser atribuição da pedagoga neste espaço e quais as funções possíveis da categoria profissional. Por isso a importância de ter uma pedagoga neste território, para direcionar, construir possibilidades, cenários e ações, compondo a equipe como servidora, como trabalhadora concursada. Isso tudo justamente por cada área ter um conhecimento diferente. Durante a entrevista, quando pedi um exemplo para a Cecília, sobre alguma prática que poderia ser própria da pedagoga na saúde mental, ela se entrelaça com meus pensamentos diante do que pode um planejamento:

Eu acho que uma das questões seria o planejamento e porque eu escolhi o planejamento para ressaltar, bom, é algo que é nosso, fazemos muito isso no curso [...] não to dizendo que só a pedagoga que deveria fazer planejamento, mas eu acho que deveria ter uma supervisão feita por uma pedagoga para os planejamentos de atividades com os usuários.
- Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Para construir uma ação da pedagoga neste espaço, seria mais pertinente ter uma profissional neste território, esta também seria uma maneira de facilitar a prática de estagiárias de pedagogia no CAPS e seus percursos nos atendimentos aos usuários de saúde mental. Nas entrevistas todas as estagiárias afirmam gostar de estar no local e compor este ambiente, além de conseguirem ver a diferença e a potência da pedagoga neste espaço. Ao mesmo tempo, no CAPS não tem uma demanda específica da pedagoga. Ação que seria mais fácil de construir com uma profissional da pedagogia, com ela fazendo parte da equipe de orientação e coordenação. Afinal, como construir algo relativamente novo, vinculado à pedagogia na saúde mental, sem um profissional da área presente? É, no mínimo, desafiador. Em um

momento da entrevista Maria relata sobre a dificuldade de estar em um território sem uma profissional da área: eu sempre tento defender pontos da pedagogia, e às vezes eu me sinto um pouco sozinha, eu queria que tivesse alguém da pedagogia lá comigo para unir forças e a gente defender juntas. - Maria (Registro audiovisual da entrevista, 15/02/2022).

Por vezes ações “pequenas” podem ser muito preciosas para os usuários, e sobre isto Maria narra um dos acontecimentos no CAPSi:

Nosso papel é desde coisas pequenas [...] do cotidiano, coisas de cidadania, coisas muito básicas. Teve um dia que a gente ajudou eles a montar um currículo. Tem uns adolescentes que eles têm interesse de ir atrás de estágio e eles não têm computador em casa, não tem um parente próximo que tenha os conhecimentos para ajudar eles a fazer isso e isso pode ser muito importante na vida deles, pode ser uma oportunidade e para gente pode ser uma coisa simples. Só abri o docs [documento no computador], conversei com ele e ajudei a montar, mas isso é muito relevante. Essas pequenas coisas educativas garantem o direito a muitas coisas pra eles. - Maria (Registro audiovisual da entrevista, 15/02/2022).

O que é pequeno ou pouco para alguns, pode ser gigante para outros. Como profissionais da Pedagogia, temos diferentes domínios, alguns pontos que são muito pautados no curso de graduação, estas são “coisas de pedagoga”, ações e práticas que somente nós, que somos da área, conseguimos desenvolver. Considero importante valorizar nossas ações, especialmente quando a Maria diz “pode ser uma coisa simples [...], mas isso é muito relevante”, pois ela aprecia de alguma maneira a sua ação naquele local, reconhece a importância de sua fala, gesto, colocação e prática. Ajudar a elaborar um currículo abre portas para se viver em sociedade, ter autonomia, responsabilidade, motivação, bem estar e tudo que pode vir a se desenrolar neste fio que é ter um trabalho para um usuário do CAPS. Um trabalho, um emprego, a inserção no mercado de trabalho, uma prática que é dele, com salário, horários, e uma das coisas mais importantes, a ação que foi construída partiu do desejo do usuário. Outro ponto significativo da ação narrada pela Maria é sobre fazer para e com os usuários práticas que sejam importantes para eles, pois eles são o foco nos planejamentos e assistência do CAPS. É justamente a partir desse modo de pensar que proporcionamos um ambiente acolhedor e inclusivo.

PEDAGOGA QUE: (RE) PENSA, REFLETE, QUESTIONA E CONSTRÓI NOVAS POSSIBILIDADES DENTRO DOS DIFERENTES CONTEXTOS E COM UMA DIVERSIDADE DE SUJEITOS. PREOCUPA-SE COM OS PROCESSOS E NÃO COM O PRODUTO FINAL. VALORIZA AS AÇÕES QUE SÃO FEITAS PELOS SUJEITOS E SEMPRE BUSCA A MELHOR MANEIRA DE ATENDER, ESCUTAR, ACOLHER A TODOS, RESPEITANDO O TEMPO, A SINGULARIDADE E PROMOVENDO A DIVERSIDADE COM AFETOS POSITIVOS.

6

COSTURA DE EXPERIÊNCIAS PELO CAPS

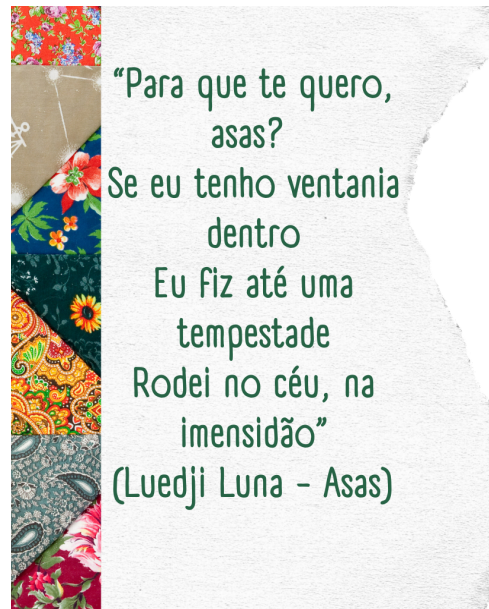


Figura: Luedji Luna¹⁰. Fonte: Arquivo pessoal.

Neste capítulo entrelaço minhas experiências e apontamentos no CAPS com as vivências das três entrevistadas que estagiam neste mesmo território. Portanto, esta é uma **COSTURA** de experiências.

Minha caminhada no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi) foi em conjunto com a minha amiga e colega, Mariana Cali, participamos da equipe multidisciplinar do setor de educação física e terapia ocupacional (SEFTO), o mesmo das graduandas participantes desta pesquisa. Nós fomos as primeiras estudantes de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a ingressar como estagiárias no CAPSi do HCPA. Nosso estágio curricular foi

¹⁰ Luedi Luna. Música “Asas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmLCDekyhbs>. Acesso em: 7 mar. 2022.

realizado de forma conjunta, com supervisão no CAPS e orientação de professoras da Pedagogia, portanto, sempre pensávamos colaborativamente sobre nossas práticas. A entrada no CAPSi como estagiária, ainda graduanda de Licenciatura em Pedagogia, foi desafiadora, repleta de movimentos para pensar e repensar a prática pedagógica nesse espaço de saúde mental. Foi um percurso de estudos e problematizações, desvinculando o nosso papel de suporte escolar, reforço escolar ou alfabetização. Construindo nossos planejamentos, ações, atendimentos e assistência, afirmamos as possibilidades de atuação da pedagoga. Segundo Costa, “o pesquisador-cartógrafo terá que inventar os seus modos de utilização, a medida em que estabelece relações e passa a fazer parte do seu próprio território de pesquisa”(COSTA, 2014, p. 71). **É NO CASO DE UMA ESTAGIÁRIA-PEDAGOGA-CARTÓGRAFA?**

No estágio, nos desafiamos a construir a atuação da pedagoga para além da classe hospitalar, em um espaço vinculado ao hospital, mas com ênfase no atendimento à saúde mental de crianças e adolescentes. Dentro do campo da pedagogia há diferentes possibilidades, nós somos educadoras, professoras, mas não apenas isso: alfabetizadoras, orientadoras, coordenadoras, gestoras etc. Nos preocupamos com o processo de aprendizagem, com a inclusão nos contextos do território e com a promoção à saúde.

A pedagogia tem um papel importante dentro da equipe multidisciplinar. “A humanização é a valorização dos usuários, trabalhadores e gestores no processo de produção de saúde” (HumanizaSUS, 2021, s/p). Esse conceito de humanização deve estar em todos os processos de vida, independente do âmbito, mas principalmente na assistência em serviços de saúde mental, território que contempla diferentes sujeitos que estão em sofrimento psíquico.

Acredito que o conjunto pedagogia e saúde, em seus entrelaços, sejam a chave para a transformação em nossa sociedade. O acolhimento foi um conceito que apareceu tanto nas entrevistas realizadas com as estagiárias colaboradoras da pesquisa, como nas minhas anotações no Diário de estágio. Uma prática descrita na Política de Humanização é um bom acolhimento aos usuários do SUS. E acredito que acolher com qualidade, escuta, inclusão, seja a base para ter uma boa relação entre indivíduos, uma vez que o vínculo construído irá possibilitar conhecer melhor os usuários, seus contextos e demandas. A partir disso, torna-se possível construir um planejamento coerente, até mesmo uma linha própria da pedagoga.

Além disso, outros aspectos que apareceram durante as entrevistas, e que também foram descritos no meu Diário de estágio, dizem respeito a pedagoga fazer aproximações afetivas, produzir vínculos entre as pessoas dos coletivos, realizar boas intervenções, elaborar objetivos e avaliar as suas práticas frequentemente. Concordo com a Cecília no relato sobre ser próprio da pedagoga: “promover um espaço inclusivo [em um território] através do planejamento”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Minha experiência foi repleta de trilhas, sempre buscando andar por novos caminhos, e se necessário, voltar ao início da trilha para repensar minhas práticas. O que nós acreditamos sempre deve estar conosco, como marcas, e assim, sempre que for necessário, vamos (re)trilhar caminhos com novos objetivos. Acredito fortemente no planejamento acompanhado da experiência no território e com os usuários de saúde mental.

Mergulhamos, eu e minha dupla de estágio, em diferentes possibilidades, dentre atendimentos aos usuários, produção de vídeos e apresentações de casos, transtornos, sintomas, leituras em seminários do CAPS etc. Para pensar nas propostas de cada atendimento foi preciso conhecer o usuário, seu contexto, sua realidade, e *entrelaçar* a demanda com a possibilidade. Antes de iniciar o atendimento com algum usuário do CAPS, eram realizadas reuniões de equipe para conhecer de forma breve o indivíduo e seu histórico. Algumas vezes os atendimentos não aconteciam por algum fator do cotidiano, isto é bem possível e esse pode ser um dos momentos de volta das trilhas que estabelecemos para um atendimento em saúde mental. Quem vamos atender? Qual a demanda? Qual o contexto familiar? Perguntas norteadoras para pensar e repensar nossos atendimentos. As reuniões com a equipe foram fundamentais para troca, análises, leituras, seminários e estudos de caso. As leituras são nossas bases diante das práticas e ações, afinal, a prática está articulada com a teoria. Os seminários serviam como espaço de formação e troca entre a equipe do CAPS, alguns dos estudos que realizei tiveram como base documentos como o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª Edição).

Além dos atendimentos individuais que realizamos com crianças e adolescentes do CAPSi, fizemos produção de vídeos para alcançar crianças e jovens que não estávamos atendendo diretamente e que faziam parte de grupos de whatsapp organizados por nossa supervisora do estágio no CAPS. Primeiramente propusemos a produção de vídeos para os jovens, que demonstravam

uma demanda específica advinda da pandemia e da escolarização, alguns deles apresentavam dificuldades de organização com o ensino remoto, entre outras questões singulares e graves.

Ao longo do meu estágio, e do diálogo que estabeleci com as estudantes de Pedagogia em atuação no CAPS, concluí que a promoção à saúde também é demanda da pedagoga. As ferramentas que a pedagogia nos oferece são múltiplas, a meu ver a principal diz respeito a valorização do encontro, de cada encontro com uma pessoa, um estudante, um usuário do SUS. Os encontros que tivermos nos espaços escolares e não escolares são singulares, devem, necessariamente, ser respeitosos, acolhedores e inclusivos com cada pessoa. Aprendemos na graduação que cada ser humano é único e tem um potencial, e é a partir desse ponto que desenvolvemos nossa prática pedagógica.

Nossa prática no CAPS não se resume a escolarizar, alfabetizar ou fazer aulas de reforço, mas não iremos ignorar demandas escolares dos usuários de saúde mental em processo de escolarização ou que estão afastados da escola justamente pelo seu transtorno psicossocial grave e a exclusão advinda do contexto social. Este foi um dos pontos destacados nas entrevistas, assim como durante o encontro com a Cecília: *Às vezes eles [os usuários] nos trazem questões escolares como tema, alguma dificuldade e a gente [da pedagogia] ajuda sempre no possível. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 02/03/2022).*

Ainda sobre o meu estágio, o tema central dos vídeos que criamos e editamos foi: *“Dicas para estudos em casa”*. Esse material foi elaborado para auxiliar na organização individual, elaboração de uma rotina, atenção e dedicação dos jovens às pesquisas e leituras escolares, além de tratar das tarefas e tema escolar. Todos os usuários do CAPSi passaram por desafios para seguirem seus estudos durante a pandemia da Covid-19. A elaboração dos vídeos foi pensada desde o conteúdo até a edição e estrutura final, com o objetivo de chamar os jovens para um momento de troca virtual. O outro vídeo foi voltado às crianças, com o tema *“Como criar jogos com elementos da natureza?”*



E AFINAL, a aprendizagem não é mesmo uma aventura? (GAI, 2016, p. 6)

Figura: Dicas para estudos em casa. Fonte: Arquivo da autora.

Joguemos em diferentes configurações. Joguemos em diferentes grupos. Joguemos em diferentes momentos da vida. Joguemos em diferentes posições. Joguemos em dias da semana diferentes.

Joguemos diferente em situações diferentes. Joguemos pelo prazer. Jogue! Faça uso dos seus jogos de ideais. Jogue com seu espírito de jogo. Brinque com jogos simples. Utilize-se dos brinquedos para aprender. Aprenda brincando com trecos e cacarecos. (GAI, 2015, p. 6).



Figura: “Como fazer jogos com elementos da natureza?”. Fonte:Arquivo da autora

Outro ponto desafiador do meu estágio foi o Seminário da equipe multidisciplinar do CAPSi, especialmente um momento de estudos e trocas acerca do DSM - 5 (2014). O manual foi

produzido pela Associação Americana de Psiquiatria para definir como é feito o diagnóstico de transtornos mentais. Este documento é bastante usado por profissionais da saúde, incluindo a equipe multidisciplinar, incluindo as pedagogas em formação que atuam no Centro de Atenção Psicossocial. Nos seminários, realizados semanalmente, eram escolhidos temas para serem debatidos e aprofundados a cada encontro. Por exemplo, o Transtorno do Espectro Autista, o Transtorno de Ansiedade e assim por diante. Cada equipe era responsável por apresentar um tema, fazer apontamentos e o que fosse pertinente ao momento em relação aos transtornos citados no documento. Para a nossa apresentação, tivemos horas e dias de estudo sobre DSM-5, foram momentos intensos e de muito conhecimento. As estagiárias do CAPS colaboradoras desta pesquisa relataram que também participaram de seminários e que a equipe sempre incentivou que se respeitassem e se ouvisse a perspectiva e o olhar de cada profissional. **“Repeitam o meu olhar como pedagoga em formação em relação a um assunto específico”**. - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Profissionais da educação estão em constante luta, a pedagogia ainda é vista como sinônimo de professora alfabetizadora e esta é uma das fortes questões que levaram-me a pesquisar sobre a atuação da pedagoga em espaços de saúde mental. Nós pedagogas em formação, e aquelas formadas que atuam e atuaram no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), estamos em constante luta para moldar essa visão da pedagoga, além de reivindicar a inclusão de nossos pares nos serviços de saúde. Assim como eu, quando estagiei no CAPS, as entrevistadas também passaram por estranhamentos pela sociedade por ser da pedagogia e estar em um território de saúde mental. Cecília relata que já ouviu algumas falas por parte de pessoas que não são da pedagogia e não atuam no CAPS ou em área da saúde mental: **“Mas tu não estava estudando pra ser professora? O que tu faz no CAPS? Tá dando aula?”** - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Recordo de uma experiência minha no CAPSi, lembro-me do primeiro teleatendimento e trago uma frase escrita no meu Diário de estágio: **“Pode uma aluna futura pedagoga estar tão feliz e energizada com este teleatendimento?”** - Karolyne (Registro em Diário de estágio, 20/11/2020).

As expectativas eram muitas para aquele momento de estágio, mas a ansiedade, o medo e a insegurança também. Todos estes últimos sentimentos passaram como pó voando ao vento quando olhei para a usuária do CAPSi e enxerguei a vontade de conversar, contar o que ela havia feito ao longo da semana, de estar ali conosco, de ser ouvida por mim e por minha colega de estágio. Compreendi que o diálogo tem um potencial para a saúde mental, é um momento de troca, de partilha de valores, partilhas de saberes, e algumas pessoas não têm esse espaço, principalmente dependendo do seu contexto familiar, de privação social e realidade social. Essa sensação também vem ao encontro dos relatos das estagiárias entrevistadas ao longo desta pesquisa. Sobre sua experiência no CAPS, Cecília afirma: “Uma coisa que nos faz sentir bem no CAPS é ver a potência da pedagogia neste espaço [...], é isso também que me faz querer ficar neste espaço, pra ir descobrindo o que mais pode, mas também para mostrar as outras pessoas o que mais pode.”
-Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Os nossos planejamentos tinham como base a usuária que estávamos atendendo, o que demonstrava interesse, desejos, vontades e íamos costurando isso com suas demandas e necessidades. A usuária tinha bastante interesse em músicas, em cantar, então, em um dos atendimentos, trouxemos uma música para cantar, ler, apreciar. Foi uma dinâmica muito potente, o seu bem estar depois do atendimento estava eletrizante. Algumas vezes trazíamos jogo para o atendimento, mas não qualquer jogo. Um jogo que contemplasse os objetivos para aquele encontro, mas também que trouxesse motivação à usuária. Os objetivos dependiam do sujeito e suas demandas singulares. Elaboramos em uma das vezes um jogo dos sete (07) erros humanos, tiramos fotos nossas para ela observar quais eram os erros, e no final sugerimos que no próximo atendimento ela trouxesse uma foto dela ou desenho, o que fosse mais acessível no momento.



Figura: Jogo Sete erros. Fonte: Arquivo da autora

Aquela usuária do CAPSi, uma criança, adorava desenhar, e notamos como o desenho era uma prática que proporcionava a ela um bem estar físico e mental significativo. Então, também nos baseamos nisso para trazer uma oficina de desenho em um dos atendimentos.

UMA LEMBRANÇA, UM REGISTRO...

Em um dos atendimentos a usuária comentou sobre uma árvore de amoras que tinha próximo de sua casa, questionamos sobre o que poderia ser feito com as amoras caídas no chão, quais as possibilidades para se fazer com essas frutas tão lindas e cheirosas e tirá-las do chão. Chegamos ao ponto de propor fazer tintas com as amoras para desenhar em um dos atendimentos. O cheirinho tão bom, a cor das amoras com um roxo quase lilás vibrante, o olhar da usuária enquanto misturava as amoras transformando em tinta o elemento da natureza que estava ao chão perto de sua casa. Aqui aproveito para explicar o motivo de ter amoras na minha capa do diário de estágio, diz da vivência que tivemos em um dos atendimentos do CAPSi. (Registro do Diário de estágio, 02/10/2020)

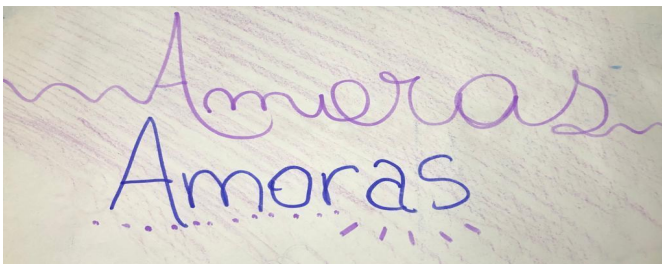
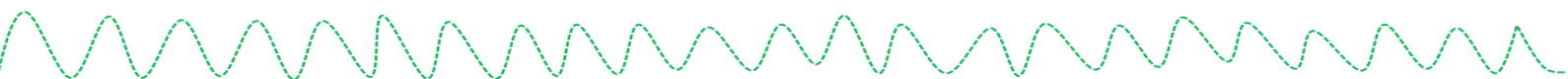


Figura: Amoras. Fonte: Arquivo da autora

AMOR(AS): AÇÕES QUE SÃO POSSÍVEIS ATRAVÉS DO OBJETIVO DE PROPORCIONAR SAÚDE, BEM ESTAR, APRENDIZAGENS, AUTONOMIA E ARTE.

Lembro que a sensação foi única e relendo meu diário virtual, volto ao sentimento, (re)sentindo-o. Talvez essas sensações sejam, por conta das reflexões que as leituras do estágio me proporcionaram, um olhar mais intenso e singular para essas crianças, assim como para o espaço em que elas estão. Durante a minha experiência no CAPSi pude perceber a importância de fazer dos atendimentos um momento de troca, afinal o sujeito sempre tem algo para nos ensinar e nós para aprender. Desejávamos que os teleatendimentos fossem um espaço dinâmico e também de propostas pedagógicas.

COSTURANDO



Com os relatos e apontamentos das entrevistadas da pesquisa, pude constatar que a pedagogia está no início de uma trilha para ter seu lugar definido no CAPS. A pedagoga é uma profissional importante e potente para o CAPS, ela proporciona a inclusão no território, através de suas práticas, intervenções, intencionalidades, objetivos e planejamentos. Tem coisas que só a pedagoga consegue elaborar por conta de sua formação e categoria profissional, a pedagoga “[...] planeja a forma como irá desenvolver as atividades com os usuários, e a forma como pretende alcançar seus objetivos, na atuação e no planejamento de atividades educativas” (VALE, 2017, p.33).

Através do meu relato de estágio entrelaçado com as narrativas das entrevistadas, observo que uma pedagoga na equipe de saúde mental, atuando como coordenação e orientação, poderia fazer muita diferença, pois iria atuar de maneira inclusiva, realizando, por exemplo, práticas relacionadas com o território do CAPSi, com as famílias e as escolas dos usuários, sejam crianças ou jovens.

Vale (2017) pesquisa em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre um pedagogo em um CAPS de Caicó, cidade no Rio Grande do Norte, e sobre a prática desse pedagogo afirma:

o pedagogo do CAPS trabalha com atividades de letramento, oficinas pedagógicas, jogos, cordel e interatividade, fazendo com que os usuários possam desenvolver a capacidade individual de maneira espontânea, mesma forma como cada um reage às atividades que envolvem arte e cultura. Nas oficinas, é necessário haver diálogo entre os participantes, no qual será dada abertura de espaços de aprendizado (VALE, 2017, p.37).

Este é um recorte de práticas reais de um pedagogo em um CAPS. Práticas que são próprias de um profissional formado em pedagogia. Neste recorte observa-se que o pedagogo se preocupa com os processos de aprendizagem, com a interação e o desenvolvimento integral de cada sujeito, respeitando a individualidade de cada usuário do SUS.

7

O QUE IMPULSIONA UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO A IR ATÉ O CAPS?

"Vento que me venta da cabeça aos pés

E eu me rendo

Vento que me leva onde quero ir"¹¹

Luedi Luna - Asas



É bastante comum ver a pedagoga em espaços escolares atuando na regência de classe da educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental. Portanto, frequentemente relacionam a formação de pedagogia com a docência. A pedagoga atuando em espaços não escolares por si só é inusitado, as pessoas se questionam ao enxergar a pedagoga neste ambiente. Quando pontuamos a pedagoga na saúde mental causa estranhamento.

estranhamento

es · tra · nha · men · to

sm

1 Ato ou efeito de estranhar (-se).

2 Surpresa, admiração, espanto face ao que não é comum ou habitual ou, ainda, totalmente inesperado; estranheza.

3 Sentimento de rejeição a algo ou a alguém que é diferente, que não se conhece, que não é familiar; aversão, repulsa.

¹¹ Luedi Luna. Música "Asas". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kmLCDeqyhbs> Acesso em: 7 mar. 2022.

(Dicionário Michaelis)¹²

Sobre a **pedagogia** Libâneo e Pimenta (2002, p. 245) afirmam:

Quanto à descaracterização profissional do pedagogo, subsumido ao “professor”, sua formação passa a ser dominada pelos estudos disciplinares das áreas das metodologias. Estas, ao voltarem seus estudos diretamente à sala de aula, espaço fundamental da docência, ignoram os determinantes institucionais, históricos e sociais (objeto de estudo da pedagogia).

O estranhamento também atravessa a vivência das entrevistadas. Algumas das estudantes afirmam que o sentiram por parte de amigos, familiares e outras colegas da pedagogia. Segundo elas, no CAPS não passaram por essa experiência por parte da equipe, tampouco por parte dos usuários do serviço. “Todas as pessoas que circulam pelo CAPS estão bem acostumadas porque o estágio da pedagogia começou faz um tempinho lá.” - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022). “Eu acho que já existe uma cultura no CAPS adulto da pedagogia estar presente... Eu acho que isso facilita bastante o nosso acesso”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022). Mas será que sempre foi assim? “Já vieram muitas pessoas anteriores a nós [estagiárias em pedagogia], e que já lutaram por esse espaço”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Como citei anteriormente nesta pesquisa, o CAPS II teve mais estagiárias da pedagogia do que o CAPSi. Diferentemente da Cecília e da Ana que atuam no CAPS adulto, um território onde já tem uma construção sobre a atuação da pedagoga, o CAPSi teve poucas estagiárias, logo, a visão da pedagogia entre ambos é diferente. Maria afirma que a atuação dela como estagiária em pedagogia ainda é fortemente entrelaçada com a escola no CAPSi, enquanto Ana e Cecília relatam que a equipe do CAPS adulto, tanto os estagiários de outras áreas, os funcionários e os usuários, têm bem claro que a função delas neste ambiente não é a escolarização.

Pensar na pedagoga em um CAPS, que se trata de um espaço de saúde mental do SUS, “implica reconhecer a distinção entre um trabalho pedagógico (atuação profissional em um amplo leque de práticas pedagógicas) e o trabalho docente (forma peculiar que o trabalho pedagógico assume na sala de aula)”. (VALE, 2017, p. 31).

¹² Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estranhamento/>
Acesso em: março de 2022.

Assim como eu, que já carregava no corpo e na mente o desejo de explorar outros lugares no campo da pedagogia, as entrevistadas também relataram essa vontade durante o curso de graduação. Todas as entrevistadas primeiramente atuaram no CAPS através do estágio curricular obrigatório da Pedagogia da UFRGS e, posteriormente, ingressaram através do estágio não obrigatório remunerado pelo HCPA. “A gente não acha muito fácil coisas relacionadas a saúde mental e a pedagogia no hospital. Eu queria uma coisa diferente pra minha formação.” - **Ana** (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Ana e Maria conheceram o CAPS adulto e a possibilidade de ingresso como estagiária perto da matrícula para o Estágio obrigatório, o Estágio Docente I Educação Especial, Processos e Práticas. Cecília já conhecia o CAPS adulto por meio de práticas feitas através do projeto de Extensão Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida], ficou curiosa para saber mais sobre o espaço e como poderia se dar a sua possível atuação nele. É no estágio curricular obrigatório que as graduandas em pedagogia têm a possibilidade de explorar novos caminhos, é primeiro estágio curricular do Curso de graduação em Pedagogia. O Hospital, para estágio nas salas de recreação e classes hospitalares, é uma das opções das estudantes. O CAPS é outra opção voltada à saúde, mais especificamente para a assistência em saúde mental e o vínculo com a RAPS. Quando eu vi [a possibilidade de] hospital, brilhei o olho.. É esse aqui que eu quero porque eu nunca vi nada nem ninguém falando da pedagogia em ambiente hospitalar, muitos menos saúde mental. - **Ana** (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

É isso, **PULSA** a vontade no desbravamento da pedagogia em espaços de **saúde mental**, na prática e teoria. Ana ficou sabendo através de outras estagiárias sobre o CAPS e ela já carregava em si a vontade de estar com o público adulto. Destaco as oficinas terapêuticas, a importância e a beleza dessas práticas em relação com a atuação da pedagoga em formação: “me encantei com a proposta das oficinas do CAPS. Entrei super querendo o CAPS adulto”. - **Ana** (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022) . Após o estágio curricular, as graduandas voltaram para o CAPS com a vontade de ocupar mais uma vez o espaço de saúde mental. As vivências delas nesse ambiente foram marcantes, um desafio que parece alimentar a vontade de explorar e descobrir as possibilidades de ação e atuação no CAPS. As experiências no estágio curricular impulsionaram para o reingresso delas no CAPS e dessa vez como atuantes através do estágio não obrigatório remunerado, com carga horária expressiva e com dedicação

exclusiva para as reuniões de equipe, estudos, seminários, cuidado, redes, atendimento e assistência aos usuários de saúde mental. Destaco aqui a importância da reforma curricular do nosso Curso de Pedagogia, em 2018, que nos possibilitou e possibilita atualmente a atuação da pedagoga em formação para além da escola, pensando nos espaços, práticas e processos de aprendizagens diversos. A Cecília afirma sobre sua motivação ao voltar para o CAPS através de estágio não obrigatório: “Eu chego nesse espaço, gosto de estar lá, mas não entendo muito ainda o que se passa ali”. - Cecília [Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022].

O que faz ela querer voltar é a curiosidade sobre este espaço, a vontade de estar em um CAPS como estagiária de pedagogia e o vínculo com os usuários. A estagiária complementa: “pra mim não era o suficiente. Eu acho que isso é muito da pedagogia, de quero mais, quero entender, quero saber das situações que passam nesse espaço, sabe...” - Cecília [registro audiovisual da entrevista 2/03/2022].

UMA NARRATIVA QUE ABORDA CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DE:

CURIOSIDADE - INVESTIGAÇÃO - DESCOBERTAS

Quanto mais espaço um CAPS abrir para a pedagogia ingressar, mais pessoas desta categoria profissional terá no local. Os estudantes de pedagogia têm desejo e vontade de estar nos CAPS, além da motivação e das intenções positivas para agregar mais no espaço, são profissionais com características da formação que poderiam proporcionar um CAPS ainda mais acolhedor e inclusivo. Com coisa de pedagoga (sem cair no clichê das coisas restritas a sua atuação na escola).

7.1

AS OFICINAS E AS SUAS

POSSIBILIDADES

As oficinas terapêuticas são uma das principais formas de tratamento oferecido nos CAPS. [...] Elas realizam vários tipos de atividades que podem ser definidas através do interesse dos usuários, das possibilidades dos técnicos do serviço, das necessidades, tendo em vista a maior integração social e familiar, a manifestação de sentimentos e problemas, o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas, o exercício coletivo da cidadania. (BRASIL, 2004, p. 20).

Uma das possibilidades da pedagoga em formação e atuação no CAPS, para que se estabeleça uma troca de saberes e conhecimentos, e para que promovam um bem estar aos usuários, auxiliando no que for apropriado, ético e possível, são as oficinas terapêuticas.

As oficinas terapêuticas são atividades de encontro de vidas entre pessoas em sofrimento psíquico, promovendo a liberdade e a convivência dos diferentes. Trata-se de uma importante forma de tratamento que busca o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de práticas produtivas e o exercício coletivo da cidadania. (CARVALHO; FERREIRA, 2018, p. 83)

Durante a entrevista Ana explicou sobre as suas práticas nas oficinas terapêuticas do CAPS: “Geralmente a pedagogia faz oficina de bordado e poesia, mas podemos transitar por outras oficinas e criar novas também.” - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022). É importante destacar que estas oficinas foram o resultado da luta de Nise da Silveira, psiquiatra alagoana e pioneira no tratamento de pacientes com transtornos mentais envolvendo a arte. A médica que foi a única mulher com mais de 150 alunos homens na turma, era contra os manicômios e a favor da arte e da expressão. Em 2015, é lançado o filme “Nise - O coração da loucura”¹³, que narra sobre a vivência de Nise contra os métodos invasivos da época, usados com os pacientes do Hospital Psiquiátrico Pedro II, primeiro hospital psiquiátrico do Brasil. O objetivo das oficinas terapêuticas com

¹³ NISE: O coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. Produção: Rodrigo Letier e Lorena Bondarovsky. São Paulo: W Mix Distribuidora de Filmes, 2015.

expressividade e artes é: Incluir os usuários “no trabalho e/ou em atividades artísticas e artesanais, ou dar-lhes acesso aos meios de comunicação e de expressão” (CARVALHO; FERREIRA, 2018, p. 83). Elas podem ter diferentes temáticas: culinária, música, cartas, desenhos, leitura, escrita e outras. A pedagoga pode organizar e planejar uma oficina junto da equipe, ou sozinha, depende da organização do CAPS. Contudo, nesta pesquisa defendemos a atuação multidisciplinar no cuidado em saúde mental, uma relação de suporte e apoio entre profissionais das áreas da saúde e das licenciaturas.

No CAPSi: Maria relata sobre algumas oficinas, cada uma tem tema e uma proposta diferente, podendo ser no próprio território do CAPSi ou fora dele. De acordo com a entrevistada, as oficinas se entrelaçam com contação de história, jogos, práticas corporais, culinária, passeios guiados e planejados por diferentes espaços da cidade, como por exemplo a Redenção (Parque Farroupilha em Porto Alegre), tanto para o público adolescente como para os grupos com familiares.

Os familiares são considerados pelo CAPS como parceiros no tratamento. A reabilitação psicossocial não se limita apenas ao uso de fármacos e eventuais intervenções, mas estende-se a ações e procedimentos que visam à reintegração familiar e social (CARVALHO, FERREIRA, 2018, p. 84).

Pensando sobre a pedagoga e o planejamento, ação que as entrevistadas concordam que é própria da pedagogia, assim como sobre uma possibilidade de construção das oficinas, Cecília relata:

não é só a pedagogia que ministra as oficinas. No CAPS existem inúmeras oficinas, as mais diversas áreas planejam essas oficinas, a psicologia, a enfermagem, educação física... Embora eu acredito e acho muito legal que várias categorias profissionais desenvolvam as oficinas terapêuticas, eu acho que algumas têm mais dificuldades que outras num processo inclusivo. Nós estamos em um ambiente de saúde mental, então quer dizer que existe algo psíquico, então nosso processo deve ser terapêutico para todas as pessoas, a gente [da pedagogia] consegue fazer uma atividade em comum para todos, isso é básico da pedagogia, não é básico de outras áreas. Quando eu planejo para um grupo, eu tenho que prever a singularidade desse grupo e se é pra ser uma atividade excludente e/ou segregadora, a gente [da pedagogia] não faz. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Segundo Carvalho e Ferreira (2018, p. 84) “o foco das oficinas terapêuticas deve ser a promoção da saúde na perspectiva da educação popular, sendo cada pessoa vista como protagonista de sua vida e de sua saúde”. Por isso a importância de considerarmos a singularidade das pessoas, o contexto, o território, as comunidades, as condições de acesso, as condições sociais e econômicas, no planejamento das oficinas, das nossas práticas e propostas. Pensando diante do relato da Cecília,

trago o "óculos da perspectiva inclusiva", expressão que desenvolvi durante minha experiência como estagiária no CAPSi. Devemos nos questionar sempre antes de realizar alguma ação, intervenção, planejamento e qualquer prática pedagógica, principalmente ao preparar os materiais para as crianças, jovens e adultos com deficiência ou transtornos mentais. Ao usar o "óculos" ao qual me refiro, nos questionamos para atentar o olhar para as práticas, para que as ações se dêem com uma perspectiva inclusiva, não de integração e não de segregação, mas de inclusão. Esta é uma ação muito própria da categoria profissional da pedagogia, do contrário algo está errado na formação do profissional que exclui e segrega.



"Será que ao fazer isso, estou pensando neste sujeito como ser humano antes do laudo, da deficiência, transtorno ou da loucura?"

(Registro em Diário de estágio, 17/10/2020).

Com base nas dificuldades e facilidades dele, qual recurso posso utilizar? O que pode motivá-lo?

(Registro em Diário de estágio, 17/10/2020).

Esses questionamentos fazem parte do olhar voltado à perspectiva inclusiva. Está no nosso papel como pedagogas proporcionar um ambiente acolhedor para as crianças, jovens e adultos, proporcionar a infância, a adolescência dentro desses espaços com

afeto,

intencionalidade,

arte,

risos,

brincares

E

estabelecendo trocas com interação e motivação ATRAVÉS DE UM PLANEJAMENTO INCLUSIVO E SINGULAR.

Para o planejamento se desenvolver durante uma oficina é fundamental trazer os sujeitos como parte do espaço, escutando seus interesses e desejos, para que sejam ativos neste espaço em que eles ocupam. No desenvolvimento de algumas oficinas, sempre que possível, as estagiárias de pedagogia relataram que ficam junto dos sujeitos, trazendo-os para as atividades e explorando com eles os materiais de forma que os motive a estarem ali e que possibilite:

C-R-I-A-Ç-Ã-O

“Através de uma equipe multidisciplinar, a atuação do pedagogo se faz necessária, pois cada profissional vai atuar dentro de sua área de formação para alcançar os objetivos em comum no que diz respeito aos [...] usuários” (VALE, 2017, p.33). A pedagogia se difere de outras áreas pela sua formação acadêmica, cada área tem um conhecimento, bases teóricas e práticas que são da própria categoria. O planejamento, a singularidade, a elaboração de objetivos coerentes, a preocupação com o processo do sujeito e não com um resultado final, são algumas das ações próprias da DA PEDAGOGIA. Com a sua experiência no CAPS, Cecília relata: “Tem algumas categorias profissionais que trazem coisas muito fora do contexto, mas eu não culpo as pessoas, eu acho que é da formação profissional”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 02/03/2022).

Destaco mais um ponto onde a pedagoga na equipe do CAPS faria diferença: “Eu acho que se as outras áreas profissionais conversassem com uma pedagoga, ela conseguiria fazer alguns apontamentos nessa diferença de fazer um processo inclusivo. Quando tu passa por alguém que estudou a vida toda sobre planejamento, ela pode te ajudar a ampliar um olhar [na construção de um planejamento]”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 02/03/2022).

Toda formação abrange práticas e ações que são únicas daquele profissional, justamente por conhecimentos específicos da área, não poderíamos, nós pedagogas, fazermos uma prática da enfermagem por exemplo, pois não temos a bagagem de práticas e estudos que os profissionais desta categoria tem e, por isso, a defesa de uma equipe multiprofissional no espaço de saúde mental, um território com sujeitos que estão em sofrimento psíquico, com diferentes corpos, vivências e lutas. Vale (2017, p. 37) quando relata em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o pedagogo que está atuando em um CAPS: “Esse profissional atua com uma equipe multiprofissional, que, em parceria, promove o bem estar dos usuários, ajudando-os em sua reinserção junto à sociedade, desenvolvendo atividades para que todos possam estar envolvidos”. Ou seja, a presença do indivíduo formado em pedagogia faz a diferença na composição das equipes nas oficinas terapêuticas dos CAPS justamente pelo seu olhar para aquilo que reúne, coloca o grupo em movimento, produz diálogo e inclui todos com suas singularidades e potencialidades. Parte da pedagoga “pensar em estratégias, reconhecer espaços, ter ‘sacadas inventivas’, reconhecer a comunidade como espaço de encontros, de práticas, de vivências, de trocas e de aprendizagens” (GAI, 2015, p. 3). A área da pedagogia e a atuação da pedagoga está na composição das equipes do CAPS para:

SOMAR no desenvolvimento integral
de cada usuário do SUS

7.2

A potência da ESCUTA

“O que melhora o atendimento é o contato afetivo de uma pessoa com outra. O que cura é a alegria, o que cura é a falta de preconceito.”

-Nise da Silveira¹⁴



Os atendimentos determinados pela Portaria Nº 336, de 19 de fevereiro de 2002, são tratamento intensivo, semi-intensivo e não intensivo, detalhados abaixo:

Atendimento Intensivo: trata-se de atendimento diário, oferecido quando a pessoa se encontra com grave sofrimento psíquico, em situação de crise ou dificuldades intensas no convívio social e familiar, precisando de atenção contínua. Esse atendimento pode ser domiciliar, se necessário;

Atendimento Semi-Intensivo: nessa modalidade de atendimento, o usuário pode ser atendido até 12 dias no mês. Essa modalidade é oferecida quando o sofrimento e a desestruturação psíquica da pessoa diminuíram, melhorando as possibilidades de relacionamento, mas a pessoa ainda necessita de atenção direta da equipe para se estruturar e recuperar sua autonomia. Esse atendimento pode ser domiciliar, se necessário;

Atendimento Não-Intensivo: oferecido quando a pessoa não precisa de suporte contínuo da equipe para viver em seu território e realizar suas atividades na família e/ou no trabalho, podendo ser atendido até três dias no mês. Esse atendimento também pode ser domiciliar.

Dentro das modalidades de atendimentos citadas, o CAPS proporciona diferentes tipos de atendimento (BRASIL, 2004, p. 16):

a - atendimento individual (medicamentoso, psicoterápico, de orientação, entre outros);

¹⁴ Nise da Silveira Vida e Obra. Disponível em:

<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/frases.php#:~:text=O%20que%20melhora%20o%20atendimento,Sou%20do%20futuro> Acesso em: 20 mar. 2022.

- b** - atendimento em grupos (psicoterapia, grupo operativo, atividades de suporte social, entre outras);
- c** - atendimento em oficinas terapêuticas executadas por profissional de nível superior ou nível médio;
- d** - visitas domiciliares;
- e** - atendimento à família;
- f** - atividades comunitárias enfocando a integração do paciente na comunidade e sua inserção familiar e social.

Atualmente as estagiárias entrevistadas dizem ser encarregadas de oferecer atendimentos individuais ou coletivos em salas apropriadas para cada situação, as oficinas terapêuticas também podem se dar na cidade, no território e diferentes espaços públicos.

Nas entrevistas que realizei, uma palavra que marcou pelas inúmeras repetições durante todas as conversas em relação aos atendimentos no CAPS foi: ESCUTA. Por sinal, uma palavra que também é bastante presente nesta pesquisa a partir dos referenciais teóricos estudados para fundamentar este Trabalho de Conclusão de Curso. Ana que atua no CAPS II com o público adulto afirma: "Às vezes é mais isso que eles precisam... Escuta, acolhimento, ter alguém pra falar". - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022). Segundo Ana, não se trata somente de ouvir os usuários, captando auditivamente o que é falado, é escutar dando significado e sentido para aquilo que ouço, com atenção e cuidado. Aqui, podemos refletir sobre a diferença entre ouvir e escutar. OUVIR remete a audição, o que o ouvido capta. ESCUTAR pode ser entendido como ouvir com atenção, com o olhar, com o corpo, com os gestos, fazer relações, estar conectado e dar sentido ao que foi ouvido.

E S C U T A R: o que o sujeito diz sobre qual ou quais são as suas necessidades. Nós, como pedagogas, às vezes, temos sobre nossa responsabilidade, pela compreensão de nossa função, apenas oferecer tarefas, mediar aprendizagens de conteúdos. *Aprendizagem*. Sim, mas ela pode se dar de vários jeitos e diferentes modos. Além disso, nossa função no CAPS não está

paralisada na oferta ou na preocupação com a escolarização, e é importante, nós pedagogas em formação ou já formadas, termos isto como horizonte e como consenso. **SE QUESTIONAR**: Este sujeito mostra com seu corpo, suas falas: o que demonstra, quais seus desejos, dificuldades e potencialidades? Ele consegue segurar a linha nas oficinas de bordados? Consegue neste momento amarrar o calçado? Não fazer **PARA** ele, mas fazer **COM** ele até que se torne autônomo. Isso sim é uma **GRANDE E IMPORTANTE COISA DE PEDAGOGA**. É proporcionar aprendizagem, autonomia, motivação e bem estar com suas conquistas individuais, não importa quais sejam elas. Perguntar-se: - Ele está demonstrando seus sentimentos? - O que ele está disposto a fazer? Quais duas vontades? - O que ele gosta de fazer e quando podemos usar isso em nossa prática no CAPS enquanto ele ocupa este espaço?

O ato de conversar jamais deve ser banalizado, pois este pode ser o único momento de partilha que o usuário de saúde mental tem fora de suas demandas do cotidiano, especialmente em se tratando de crianças e jovens. E por isso é necessário proporcionar bem estar e a valorização de suas conquistas no processo de conversa e cuidado no CAPS. O ato da escuta e observação tem forte influência para pensar nas práticas de educação e saúde mental efetivas.

Com base nas ideias de Malaguzzi (1993, p. 1), e na prática de Reggio Emilia na Itália, faz uma grande diferença para o bem estar um ambiente previamente preparado, construído, arquitetado e acessível para a criança. São muito diferentes quando, o **ambiente** é construído com base em um preconceito diante da imagem da criança; do **ambiente** que é possível construir permitindo enxergar a criança que está a frente, sem estereótipos e rótulos, principalmente quando se trata de um espaço de promoção à saúde como o CAPS, destinado ao público que está em sofrimento psíquico.

E-S-C-U-T-A-R

Com uma escuta qualificada oferecida pelos trabalhadores às necessidades do usuário, é possível garantir o acesso oportuno desses usuários a tecnologias adequadas às suas necessidades, ampliando a efetividade das práticas de saúde. Isso assegura, por exemplo, que todos sejam atendidos com prioridades a partir da avaliação de vulnerabilidade, gravidade e risco (HumanizaSUS, 2021, s/p).

Fazer da escuta uma ferramenta para elaborar uma prática posteriormente com aquele usuário específico, relacionando suas demandas e vivências com o momento presente, construindo uma ação

potente. A escuta pode ser uma conversa que proporciona bem estar, saúde mental, motivação, mas, para além disso, pode ser uma ação inicial para pensar nas possíveis intervenções com um usuário do CAPS. A pedagoga pode estruturar sua ação com seriedade e comprometimento com cada usuário em atendimento! Considerando que não tem uma rotina única de como serão os atendimentos, pois dependem de cada sujeito e seu plano terapêutico. São momentos individuais ou coletivos, preferencialmente semanais, que os usuários têm com as estagiárias da pedagogia e outros profissionais da equipe. As estagiárias afirmam que, geralmente, os usuários do CAPS trazem inquietações e, a partir disso, é pensado em uma prática que acolha, acalme e auxilie. Ana trouxe uma vivência recente com um usuário em um atendimento:

ele quer conseguir emprego, então a gente vai junto no site procurando se tem vaga [...] entrei naquele site Moovit para ver ônibus ele poderia pegar para uma entrevista que ele ia fazer... Agora ele quer fazer faculdade de música, então estamos vendo juntos o que precisa, cursinho popular... - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Os encontros de cuidado, assistência e atendimentos em saúde mental são práticas cuidadosas que as pedagogas e outros profissionais do CAPS exercem conjuntamente e que se voltam para os usuários. São nos atendimentos individuais ou coletivos que as estagiárias efetivam os seus planejamentos previamente elaborados em equipe, porém, nem sempre acontece tudo que se prevê, ocorrendo mudanças na condução da proposta, no espaço e até mesmo nos objetivos. Não há um único lugar onde podem realizar os atendimentos: pode ser na sala, nos bancos do CAPS, pelos corredores, nos trajetos até um lugar do centro da cidade, em espaços públicos, em bibliotecas, ateliers, cinema, exposições de arte etc - depende de cada planejamento e de cada grupo de usuário a que se destina. Vejam o peso dessas palavras juntas:

"DEPENDE DE CADA USUÁRIO"

Enxergar cada sujeito como um ser diferente, pois não somos iguais e não devemos ser. Cada usuário tem uma vivência que é marcada na mente e no corpo. O público do CAPS é composto por pessoas com deficiência, com transtornos mentais, em sofrimento psíquico grave, e que devem ser consideradas de maneira singular. O que para um funciona para outros pode não funcionar, por isto a necessidade de construirmos uma prática que seja coerente com aquele usuário daquele CAPS. Significa agir de forma inclusiva. Isso também é coisa de pedagoga! **O QUE PODE SER FEITO NOS ATENDIMENTOS?**

É importante pensar no usuário e em todo contexto. Como dito pelas entrevistadas que atuam no CAPS adulto, às vezes eles precisam muito mais de uma escuta no atendimento do SEFTO. Maria que lida com o público infantil relata que sempre planeja propostas pedagógicas. Neste caso, não precisamos necessariamente usar recursos físicos, mas, se for preciso, podemos ampliar os horizontes e não somente o lápis, papel e materiais que os usuários já conhecem e relacionam com a escolarização, podemos explorar outros recursos, com o mesmo objetivo. Segundo a Maria, o tricô com dedos pode ser uma prática pedagógica, se tiver **INTENCIONALIDADE e OBJETIVO**. Escrever uma música, cantar e se divertir com a cantoria e a letra escrita. Brincar com as rimas, através dos tecidos, músicas, cantorias, tintas. Estas podem ser ações pedagógicas, se tiver a intenção para além do ato realizado, do resultado. Durante a entrevista de Ana ela fala sobre as práticas no CAPS e a relação com a intencionalidade: “**não são atos vazios, sem sentido**” (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

É intencionalidade, faz parte da atuação **DA PEDAGOGA**, conforme as colaboradoras da pesquisa e a minha experiência com estágio no CAPS: se preocupar com o processo e com as práticas inclusivas construídas naquele ambiente, atuar para o desenvolvimento integral dos sujeitos, com a expansão da condições de cidadania, autonomia e saúde mental. Destacar a qualidade e não a quantidade, não precisamos de materiais caros, *podemos criar* nossos próprios recursos e ainda mais, propor fazê-los junto com os usuários. Nós temos essa habilidade, além do mais, cada uma de nós tem diferentes trajetórias, gostos, vivências e isso possibilita diferentes experiências com as práticas pedagógicas. As tintas, por exemplo, podem ser feitas com flores e frutas que caem das árvores nas ruas, eu experimentei isso em meu estágio e foi muito significativo para a usuária e o resgate de seu quintal. Investigar e criar também são coisas que aprendemos em nossa formação em pedagogia.

7.3

INTENCIONALIDADE E PLANEJAMENTO:

COISA DE PEDAGOGA?

O curso de pedagogia destinar-se-á à formação de profissionais interessados em estudos do campo teórico-investigativo da educação e no exercício técnico-profissional como pedagogos no sistema de ensino, nas escolas e em outras instituições educacionais, inclusive as não-escolares (LIBÂNEO; PIMENTA, 2002, p. 242).

Durante as entrevistas com as estagiárias, questionei sobre a visão delas em relação à importância da pedagoga e de sua formação para a atuação no CAPS. Ana e Cecília ressaltam o planejamento. De fato, o currículo na pedagogia (FACED/UFRGS) propõe o exercício de planejamento o curso inteiro, portanto, temos este domínio. Contempla a didática, as intervenções, o (re)pensar da prática pedagógica, a autoavaliação, a construção de objetivos, a intencionalidade e entre outros pontos que auxiliam o fazer da pedagoga dentro e fora do ambiente escolar.

Não é possível mais afirmar que o trabalho pedagógico se reduz ao trabalho docente nas escolas. A ação pedagógica não se resume a ações docentes, de modo que, se todo trabalho docente é trabalho pedagógico, nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente (LIBÂNEO; PIMENTA, 2002, p. 252).

Concordo com a afirmação da Cecília durante a entrevista: “A intencionalidade é algo muito nosso da pedagogia” (registro da entrevista audiovisual, 17/02/2022). Esta é uma prática que estudamos durante todo o curso, pensar no propósito da ação e da fala.

in·ten·ci·o·na·li·da·de

sf

1 Qualidade ou característica do que é intencional; intenção, propósito: *A intencionalidade formativa da educação pré-escolar.* (Dicionário Michaelis Online)¹⁵

Todos esses estudos, ações, papéis, funções, metodologias e afazeres que desenvolvemos na pedagogia auxiliam para o fazer também na área da saúde mental. A pedagoga precisará aprofundar as demais leituras em relação à saúde mental e às políticas de saúde, assim como outros profissionais que ocupam o campo da saúde mental. Considero que por sua formação e categoria, a pedagoga é uma profissional potente para o CAPS, principalmente em relação à possibilidade e potência do ato de PLANEJAR. Também porque ela tem domínio de sua prática e uma intencionalidade no seu fazer, que está diretamente relacionado a incentivar as potencialidades das pessoas, tanto no que se refere à saúde, aprendizagem, autonomia etc.

O CAPS não tem e não prevê uma educação formal, pautada na escolarização, porém há práticas e propostas para que se tenha uma reaproximação com a educação escolar. Essa prática acontece principalmente se considerarmos que muitos dos usuários não têm uma boa relação com a escola, devido a dificuldade de inclusão e acessibilidade para muitas pessoas que estão em sofrimento psíquico. Após todas as entrevistas e as análises, em meio a escutas e anotações, pude constatar que por parte das equipes há uma diferença ao ver a pedagoga em formação atuando no



Figura: CAPS. Fonte: Arquivo pessoal

No CAPSi, território que atende crianças e adolescentes, durante os atendimentos individualizados, há uma relação e uma demanda de escolarização frente à atuação da pedagoga. Maria relata: "Nesse sentido de pensar uma coisa individual, aí a equipe pensa na Maria para a coisa escolar, mas no geral, se referindo às oficinas terapêuticas, é um grupo multidisciplinar". - Maria (Registro audiovisual da entrevista, 15/02/2022). No CAPS voltado ao público

¹⁵ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/intencionalidade/>
Acesso em: 18 mar. 2022.

adulto não há relação da atuação da pedagoga em formação com práticas ou objetivo de escolarização. Cecília afirma: “Eles [equipe] têm muito claro que não estamos lá para escolarizar”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

PLANEJAR NO CAPS NÃO É A BUSCA PELA ESCOLARIZAÇÃO DOS USUÁRIOS

Planejar para alfabetizar?

Planejamento NO CAPS?

Planejamento PARA o CAPS

Planejar PARA

& com usuários na saúde mental

O ato de planejar não significa escolher propostas aleatórias e descontextualizadas. Escolher também é um ato pedagógico, por exemplo, se questionar sobre o motivo dessa escolha e construir objetivos que podem ser alcançados através de tal proposta. Planejar é elaborar propostas que dentro do contexto façam sentido ao usuário, que resulte em algo que beneficie o sujeito presente no atendimento e ativo no CAPS.

ENTRELAÇANDO



as reflexões desta escrita com as narrativas das colaboradoras da pesquisa, pois para planejar uma proposta apostamos em dois vieses:

- 1) VÍNCULO - AFETO - ESCUTA - TROCA -
ACOLHIMENTO

2) LEITURA - OBJETIVOS - INTENCIONALIDADE - CONTEXTO - ÉTICA - SERIEDADE

Estes aspectos irão possibilitar a construção do planejamento, pois são movimentos que darão subsídios para criarmos propostas CONTEXTUALIZADAS, que fazem sentido para o usuário justamente por serem PLANEJADAS COM ÉTICA E SERIEDADE. Além disso, através deles conseguimos colocar em prática o que planejamos, quando demonstramos confiança para o usuário, o escutamos, trocamos, acolhemos, temos afeto e o motivamos, principalmente porque estamos lidando com sujeitos em sofrimento psíquico. As ações que a Política Nacional de Humanização sugere devem estar presentes em nossa prática. Estes movimentos nos possibilitam conhecer o usuário, compreender a sua demanda, elaborarmos um bom planejamento de ações de cuidado e assistência em saúde mental, assim como propostas de encontro com a cidade que sejam expressivas e terapêuticas. Em relação a construção dos planejamentos, Ana complementa: “planejamento como ato cuidadoso”. - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Como pedagogas, temos consciência de que todo ato e prática deve ser pensado, elaborado com carinho, singularidade, pesquisa e respeito. Em um dos momentos da entrevista Cecília afirmou a intencionalidade de suas ações no CAPS: “eu não vou convidar aleatoriamente para ir a um espaço”. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022). Ou seja, o convite é parte da proposta planejada com objetivos e intenções para aquele usuário em específico.

Como receber o usuário para o atendimento? - na porta do CAPS? - na quadra de esportes? - na sala de artes? - na sala de espera? - na sala de convivências? - sentada em uma cadeira? - sentada em uma almofada? - em pé na porta? - com um jogo? Parece simples, mas são atos pensados para cada usuário, respeitando a sua singularidade. Ainda sobre o pensar pedagógico e a intencionalidade Ana afirma em um momento da entrevista:

[...] nas oficinas de bordado, a gente não vai lá só colocar a linha em uma agulha, não é um ato vazio, não é um ato sem sentido, não é uma coisa que a gente faz por fazer. Tem algo por trás daquilo [prática planejada]. Quando a gente pensa em uma proposta, a gente pensa com um objetivo. - Ana (registro audiovisual da entrevista, 17/02/2022).

Além das propostas elaboradas com objetivo, as intervenções da pedagoga são diferenciadas na grande maioria dos casos e das profissionais que acompanho nas escolas em que já atuei. Porém, as entrevistadas desta pesquisa têm uma prática pedagógica POTENTE, por ter uma finalidade cada uma de suas ações no CAPS, intervenções diferenciadas que foram narradas em nossos encontros para a construção desta pesquisa. Destaco aqui o que Ana, Cecília e Maria disseram em diferentes momentos: que a pedagoga se preocupa com o processo e não com o resultado. Costurando as intervenções da pedagoga com o relato da Cecília:

uma atividade de pintura, por exemplo, o que eu vejo em outras categorias profissionais fazendo... O usuário pede a tinta azul, eles vão lá e entregam a tinta, o usuário: não consegui abrir, tu abre pra mim? Vai lá e abre para o usuário. "Derramei muito a tinta aqui [usuário]. Peraí que eu vou lá pegar um pano e vou limpar pra ti [outras áreas profissionais]. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Enquanto a pedagogia atua e faz modificações no comportamento, na condução, na mediação e no cuidado. Vejamos a mesma fala do usuário mencionado acima:

[...] me alcança a tinta azul"... E nós falamos: "levanta fulaninho, pega aqui o azul. "Derramei a tinta" (usuário), "onde fica o pano? Vai lá pegar o pano para limpar" (profissionais da pedagogia). Isso é construção de um processo de autonomia. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Há práticas que são da pedagoga, da nossa categoria, nossa prática, currículo e postura. A pedagoga pensa com a intencionalidade de promover algo, propomos uma prática com um objetivo em mente, refletimos sobre inúmeras possibilidades diante de UM ato. É da categoria profissional da pedagoga se preocupar com o processo de autonomia, pois estudamos sobre as habilidades dos sujeitos para viver em sociedade e se formar como cidadãos. Sabendo que alguns usuários de saúde mental poderão depender de algo ou alguém, dentro de cada perfil, necessidade, deficiência, transtorno, possibilidade etc. A ação de cuidado e assistência em saúde pode ser contextualizada também de acordo com a vivência de cada um. A autonomia está citada em vários momentos no Manual de Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial (BRASIL, 2004), como um dos princípios do SUS e da Reforma Psiquiátrica em relação à saúde mental e à atenção básica.

"Podemos sintetizar como princípios fundamentais dessa articulação entre saúde mental e atenção básica: construção da autonomia possível de usuários e familiares". (BRASIL, 2004, p. 79). Enxergamos

a importância de **PROMOVER A AUTONOMIA** quando pedimos para o usuário exercer tal movimento espontaneamente, como no exemplo em que foi incentivado a pegar a tinta na cor que ele desejava.

Às vezes levou a oficina toda, uma hora para botar a linha na agulha, mas já sabe como colocar, já sabe que às vezes tem que molhar a linha para facilitar. Então é muito mais pedagógico eu ajudar nesse auxílio verbal do que dar o material pronto. - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

Pode ser que um usuário do CAPS passe metade do tempo da oficina exercendo um único movimento e nós como pedagogas não iremos pressioná-lo, apressar ou entregar pronto para facilitar o tempo, iremos incentivar para que ele consiga com autonomia e com gosto colocar a linha com a cor que ele deseja na agulha. “As oficinas representam a capacidade de respeitar o tempo e o ritmo psíquico de cada pessoa, sendo consideradas espaços terapêuticos a partir do momento em que os sujeitos que participam delas encontram um lugar de fala, expressão e acolhimento.” (CARVALHO, FERREIRA, 2018, p. 84). Este movimento realizado será o aprendizado deste usuário em específico, isso porque não nos preocupamos com o resultado final, mas com o processo de aprendizagem, respeitando a singularidade, o tempo e o ritmo do usuário.

As nossas ações podem ser questionadas, uma vez que não queremos dar coisas prontas, queremos que eles explorem da maneira mais criativa possível e que sejam ativos no seu processo, tornando-se um processo mais demorado em alguns casos. Nos preocupamos com o **PROCESSO**, não com o resultado baseado em expectativas, em normas, na normalidade, mas na ação autônoma realizada pelos usuários. Valorizamos a **ESCUITA** e a enxergamos como potência e possibilidade no cuidado em saúde mental. Possibilidade para pensar em futuras práticas, para compreender o usuário, o que ele traz em suas falas, sentimentos, sensações, talvez algum incômodo ou inquietude. Consideremos que se trata de uma pessoa que está em sofrimento psíquico, o nosso planejamento deverá partir de um ato cuidadoso.

Em um momento da entrevista questioneei a Cecília: “Tu acha que a intencionalidade é própria da nossa formação em pedagogia? É coisa de pedagoga?” O corpo responde com o rosto transbordando expressões... Com os olhos cintilantes... Um sorriso gigante brilhante... Ela verbaliza: “**Sim, com certeza a intencionalidade é coisa de pedagoga!**” - Cecília (Registro audiovisual da entrevista, 2/03/2022).

8

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGA NA SAÚDE MENTAL

Pedagogia . . .

PARA & NA

S-A-Ú-D-E M-E-N-T-A-L

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências (FREIRE, 1996, p. 85).

Neste trabalho de pesquisa, faço uma cartografia que é um entrelaçamento das minhas experiências com as práticas de pedagogas em formação em dois CAPS do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Com isto posso afirmar que as possibilidades de experiência e estágio são inúmeras nestes CAPS, e não poderia comparar ou generalizar para tratar ou compreender outros CAPS.

A partir das leituras que realizei nestes últimos semestres do curso de graduação, voltadas às políticas e pesquisas do campo da saúde mental, pude expandir minha compreensão sobre o meu fazer nos espaços não escolares e o meu fazer nos espaços escolares, principalmente no que se refere à saúde mental dos estudantes.

Com os encontros com as minhas colegas, colaboradoras da pesquisa, estudantes de pedagogia, experimentei momentos de diálogo, trocas, partilha de experiência, parecido com um momento e um espaço que as aulas presenciais nos possibilitavam, quando nos encontrávamos nos corredores, prédios e bares, nas redondezas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa e a minha experiência no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil, durante o estágio obrigatório, transborda a minha formação acadêmica, mobiliza a minha saúde mental, o que vivo

em processos de autocuidado, em meus projetos pessoais e nas ações que seguirei desenvolvendo no meu trabalho em escola privada. Promover saúde é uma tarefa ampla, não se refere somente a saúde física e medicalização, requer cuidado e atenção no sentido da humanização, bem como da ética profissional, com um planejamento que gere um cuidado inclusivo.

um dos desafios da promoção em saúde reside em transformar um sistema que tradicionalmente se sustenta na doença em um propulsor de ações que priorizem a vida e a saúde em seu significado mais amplo, pautado em relações horizontais e em parâmetros de corresponsabilização. (SILVA-ARIOLI et al., 2013, p. 677).

A partir desta pesquisa posso concluir que a pedagoga não olha para a diferença como destaque negativo, não se sustenta no diagnóstico para pensar em suas ações. A pedagoga olha para a pessoa singularmente, para assim elaborar um planejamento e uma prática. Há diferentes maneiras de pensar a prática na saúde, “[...] formas diferenciadas de fazer saúde são a expressão dos novos desafios sociopolíticos das últimas décadas”. (SILVA-ARIOLI et al., 2013, p. 675). Pode-se promover saúde em diferentes espaços, escolares, não escolares, hospitalares, voltados à saúde mental, espaços comunitários e sociais, por exemplo. O graduado em pedagogia é parte desse pensamento de construção de saúde dos usuários do sistema de saúde em desenvolvimento integral.

Com a pesquisa e estágio compreendi que os atendimentos em saúde mental que priorizam o cuidado em liberdade são transformados de acordo com o território, a equipe, os profissionais, os estagiários e, principalmente, considerando os usuários do CAPS. Os atendimentos e assistência em saúde mental podem ser dar em encontros, momentos de trocas, com a escuta. Assim como a Pedagogia da Escuta e a importância da criação de vínculo afetivo com os envolvidos em um encontro. A aprendizagem e o bem estar mental de todos os sujeitos é considerada para pensar a prática pedagógica inclusiva, especialmente dos sujeitos da educação especial. Acredito que os graduados ou graduandos em pedagogia têm um papel social, independente do âmbito de sua atuação podem agir no fortalecimento da inclusão. A ação de pedagogas na gestão escolar, na educação social, no atendimento terapêutico, na saúde mental, no cuidado em saúde, assim como na educação especial tem relevância social.

UMA PEDAGOGA ESTAGIANDO NO CAPS...

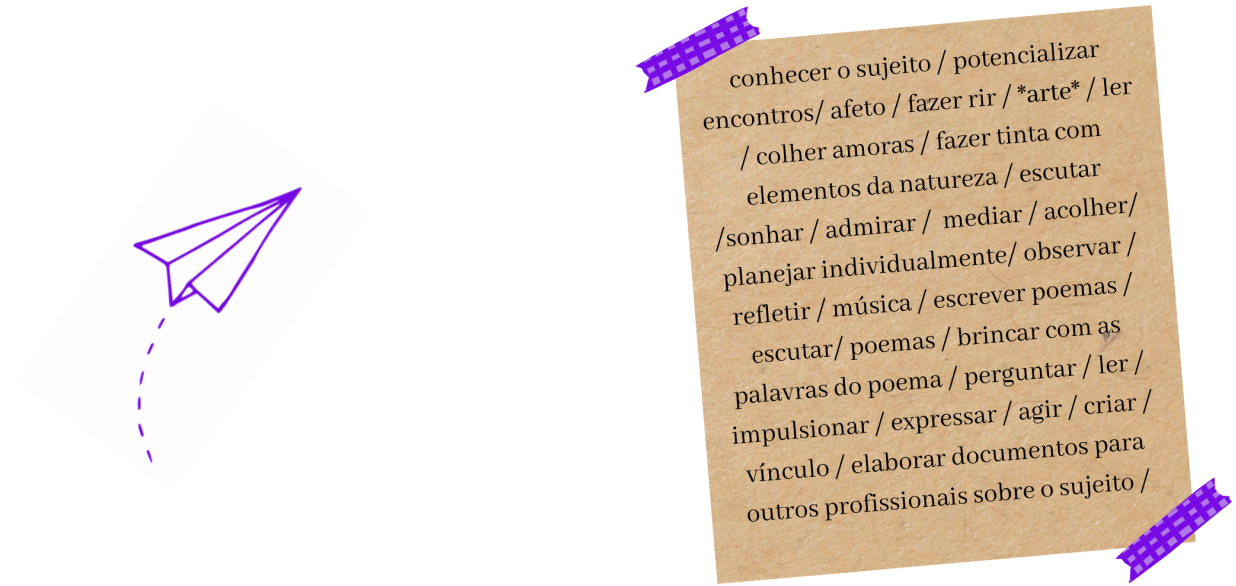


Figura: Diário de estágio. Fonte: Arquivo pessoal

Considerando as narrativas das entrevistadas, fica claro que a diferença da pedagoga na equipe é que ela planeja com objetivo e intencionalidade, a mudança de ambiente é pensada, a escolha dos materiais e a mediação do tempo tem uma intenção por trás, tem contexto e sentido. A pedagoga planeja cada ato, pensa em cada ação que poderá acontecer nos atendimentos, sejam eles individuais ou em ambientes coletivos como nas oficinas terapêuticas. Ela pode muita coisa no CAPS e com os usuários.

O acolhimento, a escuta, estão na Política de Humanização que sugere a assistência realizada por todos os profissionais da área da saúde. Então, todos os profissionais da saúde podem usar como base boas intervenções, criar um ambiente inclusivo, através de planejamento, mesmo que essas ações carreguem o olhar da pedagoga. Haverão ações que somente a pedagoga poderá dimensionar, criar, produzir, proporcionar, realizar com mais eficácia, pois é da nossa categoria e formação profissional. Assim como outras ações, que somente o psicólogo ou a educadora física poderão promover, criar, proporcionar e liderar. A equipe será completa pelas especificidades das formações e pela qualidade da formação de cada um dos profissionais.

P-R-O-M-O-V-E-R:

saúde - autonomia - aprendizagem - INCLUSÃO

E CONTINUARÁ A INVESTIGAÇÃO: O que mais pode uma pedagoga na educação e saúde? Assim como a cartografia, essa pesquisa “não se trata de conclusão, não é fechamento, não é perfeição, tampouco completude e finitude” (GAI, CASTRO, 2022, p. 106). Com essa pesquisa, não quero trazer apenas respostas e reflexões, quero incentivar os QUESTIONAMENTOS.

Tenho como base Paulo Freire e Antonio Faundez (1985) com o livro “Por uma pedagogia da pergunta”, nesta escrita os autores defendem a importância da pergunta para a aprendizagem, já que todo conhecimento se inicia pela pergunta. Freire irá destacar a ação de perguntar como curiosidade. “No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de curiosidade. Mas a curiosidade é uma pergunta! (FREIRE, FAUNDEZ, 1985, p. 24)”.

Desejo que minhas leitoras saiam dessa leitura assim como sairei desta escrita, com a mente borbulhando sobre a atuação e inserção da pedagoga em espaços educativos para ALÉM da escola. Atuante nos movimentos da saúde mental, do CAPS, do SUS, me pergunto sobre o que mais eu posso como pedagoga nos espaços de saúde? As novas trilhas, os entrelaçamentos de experiências, as minhas andanças, a minha essência, as vivências e a minha identidade também poderão responder. Considero que ser professora, ser pedagoga é MUITO, mas não somos apenas isso. Somos: filha? Mãe? Cozinheira? Usuária de saúde mental? Estagiária? Aluna? Poeta? Artista? Costureira? Amiga? Colega? Feminista? Política? Podemos ser uma fotógrafa nas horas vagas, uma amadora da arte, da culinária, da natureza... Tudo isso nos compõe e constrói nossa identidade docente e profissional. **USEMOS DOS ENTRELAÇOS DA VIDA.** E autorizemos os nossos alunos e os nossos usuários do CAPS a também se comporem nos seus entrelaçamentos.

Não devemos mais, na contemporaneidade, com tantas conquistas da reforma psiquiátrica e da luta antimanicomial, ficar nas mesmas ações, segregadoras, excludentes, não planejadas, sem um ambiente adequado, com pessoas privadas de autonomia, bem estar e liberdade. Podemos e precisamos criar, (re)criar, inventar novas práticas e recursos com e para as crianças, jovens e adultos usuários de saúde mental dos serviços ofertados pelo SUS. De modo que coloquemos os usuários

ativos no seu processo de aprendizagem, seja qual for ele, proporcionando um espaço de criação e inovação para que eles exercitem e explorem as suas habilidades, vontades, forças e criatividade, e ao mesmo tempo estaremos fazendo conosco este movimento de exploração e criação.

Todo mundo deve inventar alguma coisa, a criatividade reúne em si várias funções psicológicas importantes para a reestruturação da psique. O que cura, fundamentalmente, é o estímulo à criatividade. Ela é indestrutível. A criatividade está em toda parte. – Nise da silveira¹⁶.

“ me ajude a carregar essa maleta

onde eu guardo meu cansaço

e meus sonhos mais bonitos

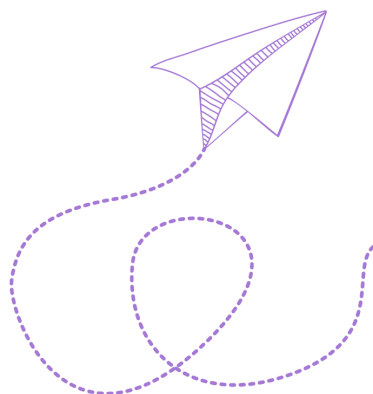
e um livro de receitas naturais

e um terço pra um pai nosso

um pedaço de pão

e um lápis , um caderno ”

Luedi Luna - Dentro Ali¹⁷



Após as entrevistas e análises concluídas, pontuo que a nossa tarefa como pedagogas neste espaço é ampla e importante: colocar o usuário no centro do planejamento e incentivá-lo a desenvolver habilidades que ele ainda não se sente seguro para realizar ou até mesmo estimular habilidades que ele não tem e que pode descobrir e explorar. É nosso papel como parte da equipe multiprofissional inseri-los em processos de escolarização, socialização, trabalho, no território, na sociedade. Auxiliar na construção de planos terapêuticos singulares que possam tornar os cuidados em saúde mental minimamente alegres, potentes e felizes.

Diversos modos de existir no mundo são possíveis e cada pessoa tem o seu potencial a ser explorado. Entre os diversos modos de existir estão os modos de existir na deficiência e no transtorno

¹⁶ CENAT. Centro Educacional Novas Abordagens Terapêuticas. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/category/novas-abordagens-em-saude-mental/> Acesso em: 7 mar. 2022.

¹⁷ Luedi Luna. Música “Dentro Ali”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ph9CHBOrCow>. Acesso em: 7 mar. 2022.

mental. Com todos estes encontros e entrelaços da pesquisa concluo: O ESTÁGIO E A EXPERIÊNCIA NO CAPS É FUNDAMENTAL PARA A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA, ESPECIALMENTE NESTE MOMENTO DE NOSSA HISTÓRIA, EM QUE O FUNCIONAMENTO DE ESPAÇOS DE CUIDADO EM LIBERDADE ESTÃO AMEAÇADOS PELAS AÇÕES CIVIS E POLÍTICAS CONSERVADORAS QUE SE TORNARAM MAIS DITATORIAIS, VIOLENTAS E EXCLUDENTES.



Figura: Mural de palavras. Fonte: Arquivo pessoal

9

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília. 2015. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt1130_05_08_2015.html. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS**. Brasília, 2010. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_documento_gestores_trabalhadores_sus.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Brasília. 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

_____. Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 336**, de 19 de Fevereiro de 2002.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 467**, de 20 de março de 2020.

_____. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

CARVALHO, V. C. S; FERREIRA, K. F. **Oficinas terapêuticas: caminhos de saberes**. Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba – ISSN 1984-4840, 2018

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar**. Revista Digital do LAV -SantaMaria -vol.7,n.2, p.66-77-mai./ago.2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GAI, Daniele Noal. **Ética do Brincar**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em educação. Faculdade de educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

GAI, Daniele Noal. **Pedagogia de Cartazes: artes, sensações, vulnerabilidade e aprendizagem**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt24-3971.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

_____ ; CASTRO, Karolyne de Oliveira. Notas de encerramento: um livro com as pedagogias da diferença é um livro de percursos e processos. In: _____ (Orgs.). **Projeto Geringonça [Pedagogias da diferença. Ecologias da vida]: escritas e memórias de experiências na formação de ludo-arte-educadores**. 1. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2022, p. 106. E-book. Disponível _____ em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/233594/001135450.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 5 fev. 2022.

GERHARDT, Tatiana E. et al. Unidade 4: Estrutura do projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana E; SILVEIRA, Denise T. **Métodos de Pesquisa**. 1. Ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009, cap. 4, p. 65 - 88.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação dos profissionais em educação: visão crítica e perspectiva de mudança. In: PIMENTA, S. G. **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002. cap. 1. p. 239-277.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. **Entrevistas individuais e grupos focais: alguns cuidados ético-metodológicos**. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 123, p.58-67, ago. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/511>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVA-ARIOLI, Inea Giovana. et al. **Promoção e Educação em Saúde: Uma Análise Epistemológica**. Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 - A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009, cap. 2, p. 31-34. Disponível em: https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/4127254/mod_resource/content/1/gerhardt31-34.pdf. Acesso em: 2 fev. 2022.

MALAGUZZI, Loris. (1993). **Your image of the child: where teaching begins**. Child Care Information Exchange, Redmond, n. 96, 1994. Disponível em: <https://www.reggioalliance.org/downloads/malaguzzi:ccie:1994.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2021.

NISE: **O coração da loucura**. Direção: Roberto Berliner. Produção: Rodrigo Letier e Lorena Bondarovsky. São Paulo: W Mix Distribuidora de Filmes, 2015.

TRINDADE, Rafael. **Espinosa** - Origem e Natureza dos afetos. Disponível em: [https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/#:~:text=Espino sa%20o%20define%20como%20um,se%20e%20agirem%20em%20conjunto](https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/#:~:text=Espino%20o%20define%20como%20um,se%20e%20agirem%20em%20conjunto). Acesso em: 10 maio 2021.

VALE, Shirley Araújo Silva. **O papel do pedagogo em um centro de atenção psicossocial: uma análise a partir do caps ad- caicó/RN**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação-DEDUC, Caicó, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/37855/3/OPapeldoPedagogo_Vale_2017.pdf. Acesso em: 26 fev. 2022.

ANEXO 1**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, autorizo que as respostas produzidas por mim possam ser utilizadas para a análise e discussão na pesquisa “**ENTRELAÇOS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE: Um olhar sobre as narrativas de experiências na atuação de pedagogas (em formação) no Centro de Atenção Psicossocial do Hospital das Clínicas de Porto Alegre**”. A pesquisa está sendo desenvolvida pela graduanda Karolyne de Oliveira Castro, no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Professora D^a. Daniele Noal Gai. A mesma tem o objetivo de discutir a atuação de pedagogas em formação nos espaços de saúde mental como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) vinculado ao Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Estou ciente que a minha participação na pesquisa é voluntária, sem qualquer vantagem financeira, por ser uma pesquisa acadêmica desenvolvida em nível de pesquisa no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também estou ciente de que me é assegurado o direito de não participar ou de me retirar da pesquisa, a qualquer momento, sem que isto represente qualquer tipo de prejuízo profissional ou pessoal.

Dados da Pesquisadora:

Nome:

Email:

Telefone:

Porto Alegre, 2022

Participante da pesquisa

Pesquisadora

Orientadora

ANEXO 2

ROTEIRO

ENTREVISTAS COM GRADUANDAS DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA ESTAGIÁRIAS DO CAPS/HCPA

1. O que motivou a tua entrada no CAPS? O que te manteve atuando no local após o estágio obrigatório?
2. Como foi o teu ingresso no CAPS? Qual é tua carga horária?
3. Pela tua experiência tu acreditas que a pedagoga tem um espaço definido de atuação no CAPS?
4. Na tua experiência houve diferenciação ou estranhamento por ser uma pedagoga atuando em um espaço de saúde mental?
5. Como são elaborados os planejamentos para a realização de atendimentos com os usuários do CAPS?
6. Como tu pensas a atuação da pedagogia em espaços de saúde mental?
7. Tu realizastes formação em seminários e estudos de caso no CAPS?
8. Como tu pensas a relação das leituras no estágio com a atuação da pedagoga nesse espaço? Qual a leitura que mais te marcou?
9. Na tua opinião, qual a leitura fundamental para a pedagoga neste campo?
10. Quais outros espaços tu ocupas como estagiária do curso de pedagogia no CAPS?
11. Qual a tua visão sobre a equipe multidisciplinar?
12. A tua perspectiva está diferente da que tinha antes do ingresso neste Estágio?
13. Tu acreditas ser importante a atuação de pedagogas(os) em espaços de saúde mental? Por quê?
14. Você conheceu pedagogas(os) que atuam em espaços de saúde mental? Eram contratadas (os)?
15. Você tem interesse em seguir atuando como pedagoga no campo da saúde mental após o estágio?

ANEXO 3
FORMULÁRIO ELETRÔNICO PARA MAPEAMENTO DAS GRADUANDAS

1. Contato: NOME, telefone e e-mail *

2. Qual semestre da Pedagogia você está? *

Marcar apenas uma oval.

- 1º, 2º ou 3º
- 4º, 5º ou 6º
- 7º, 8º ou 9º
- Outro: _____

3. Você atuou ou atua no CAPS? *

Marcar apenas uma oval.

- Já atuei
- Atuo atualmente